

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica.

Pedro Paulo Dias

**A CLÍNICA DA PSICOSE E A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NOS CASOS DE
EROTOMANIA: a questão da transferência.**

Belo Horizonte
2019

Pedro Paulo Dias

**A CLÍNICA DA PSICOSE E A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NOS CASOS DE
EROTOMANIA: a questão da transferência.**

Monografia apresentada ao curso de especialização em teoria psicanalítica do departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em teoria psicanalítica.

Orientadora: Maria Teresa Melo Carvalho.

Coorientador: Felipe Figueiredo Lattanzio.

Belo Horizonte
2019

150	Dias, Pedro Paulo.
D541c	A clínica da psicose e a direção do tratamento nos casos de erotomania [manuscrito] : a questão da transferência / Pedro Paulo Dias. - 2019.
2019	53 f. Orientadora: Maria Teresa Melo de Carvalho. Coorientador: Felipe Figueiredo Lattanzio.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Erotismo. 2.Psicopatologia. 3.Psicoses. 4.Transferência (Psicologia). I. Carvalho, Maria Teresa Melo de . II .Lattanzio, Felipe Figueiredo. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV.Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Clínica da Psicose e a Direção do Tratamento nos Casos de Erotomania:
A Questão da Transferência".

Pedro Paulo Dias

Monografia submetida à banca examinadora designada pelo colegiado do Curso de Especialização, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Teoria Psicanalítica, área de concentração psicanálise.

Aprovada em 10 de julho de 2019, pela banca examinadora constituída pelos membros:

Orientador: Professor Doutor Fábio Roberto Rodrigues Belo – UFMG

Membro: Professora Doutora Maria Teresa Melo Carvalho - UFMG

Membro: Professor Doutor Felipe Lattanzio – Externo

Membro: Professor Marcus Vinícius Neto Silva

Belo Horizonte, 09 de março de 2022

Cassandra S. França

Professora Dra. Cassandra Pereira França

Coordenadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

RESUMO

A pesquisa que compõe esta monografia trata da clínica da psicose e a direção do tratamento nos casos de erotomania com atenção à transferência. O trabalho perpassa pelas questões relativas à formação do eu, aos mecanismos de defesa da neurose e psicose, sua sintomatologia e seus efeitos na clínica. Portanto, aborda os conceitos de Verdrängung, Verwerfung e forclusão do Nome-do-Pai. Além disso, aborda aspectos relacionados à sexuação na psicose e seus efeitos sobre essa estrutura.

Palavras chaves: Forclusão do Nome-do-Pai, Erotomania, Psicose, Transferência, Verwerfung.

ABSTRACT

The research that makes up this monograph deals with the clinical of psychosis and the course of treatment in cases of erotomania with attention to transference. The work permeates issues related to the formation of the self, the defense mechanisms of neurosis and psychosis, its symptoms and its clinical effects. Therefore, it addresses the concepts of Verdrängung, Verwerfung and foreclosure of the Name-of-the-Father. Furthermore, it addresses aspects related to sexuation in psychosis and its effects on this structure.

Keywords: Foreclosure of the Name-of-the-Father, Erotomania, Psychosis, Transference, Verwerfung.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. NEUROSE E PSICOSE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS EM FREUD E LACAN.	9
2.1 SOBRE OS MECANISMOS DE DEFESA: VERDÄNDUNG E VERWERFUNG EM DIREÇÃO À FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI	14
2.2 SOBRE OS MECANISMO DE DEFESA: DA VERWERFUNG À FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI.	19
3. A CLÍNICA DA PSICOSE E SEUS IMPASSES.	24
3.1 NEUROSE E PSICOSE: A QUESTÃO DO AMOR	27
3.2 O AMOR E A PARTILHA DO SEXO	28
4 TRANSFERÊNCIA E EROTOMANIA NA CLÍNICA DA PSICOSE.	40
4.1 EROTOMANIA	42
5 CONCLUSÃO	50
6. BIBLIOGRAFIA	52

1. INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa tem como motivação a questão suscitada durante um atendimento a uma paciente psicótica, no final de 2007 e início de 2008, no decorrer de um estágio clínico no curso de graduação em psicologia: como conduzir o tratamento? Naquele caso específico, fora estabelecida uma transferência com contornos erotomaniaco, configuração que se deu após um breve afastamento, em razão de uma cirurgia que tive que ser submetido. Ao retomar os atendimentos, a notícia que chegara, pela equipe do espaço e pela própria paciente é de que ela estivera todos os dias de minha ausência na instituição perguntando quando se daria meu retorno. Isso ocorreu mesmo tendo sido comunicado semanas antes que haveria esta suspensão momentânea. No que se refere ao atendimento, tudo que surgira da fala da paciente, após o referido intervalo, era para ser conectado a mim. Estes atendimentos tiveram curto período, sendo não mais que cinco meses. Inicialmente houve uma breve discussão em torno do diagnóstico, entre os membros da equipe, se efetivamente tratava-se de uma psicose ou de uma histeria, e decidiu-se no sentido de ser a primeira alternativa. Ao final, em concordância com a equipe da instituição, fora determinado o encerramento da minha condução com a consequente substituição por outra pessoa para conduzir os atendimentos. Deste modo, apresentei naquele ano uma monografia a qual defendia que a erotomania era uma especificidade da psicose. Propunha uma compreensão de que a erotomania só se configurava na psicose como delírio.

Embora tenha sido finalizado aquele trabalho, não se encerrou a questão de como conduzir o tratamento psicanalítico da psicose, pois afinal a escrita da monografia e a escolha do título me trouxeram mais questões. Foram estas que alimentaram a necessidade desta pesquisa, pois ao que parece a questão se coloca diante de todo analista ao lidar com a psicose, ou seja, como conduzir o tratamento? Sendo assim, buscou-se nesta pesquisa apontar a partir do trabalho realizado por Freud, Lacan e seus comentadores, bem como estudiosos nos níveis de mestrado e doutorado, quais as possibilidades no que tange o tratamento psicanalítico da psicose. O que se verá ao longo deste trabalho é uma tentativa de delimitar o que é próprio da psicose e quais são as consequências que recaem sobre a manobra da transferência na direção da cura, a qual já se inicia, na maioria das vezes, bem antes do encontro com um analista. Naturalmente, deve-se considerar que em função do contexto da pesquisa (monografia), isso se dá dentro dos seus limites. Portanto, inicia-se com um breve retorno à considerações teóricas em

Freud e Lacan a respeito da formação do Eu, da sintomatologia na neurose e psicose, bem como os mecanismos defensivos que operam em cada uma das duas estruturas. Em sua segunda parte, trata-se de aspectos teóricos/clínicos e mais especificamente, dos impasses no tratamento da psicose. Ao final discute-se brevemente o manejo da transferência em especial o diz respeito à erotomania e seus efeitos sobre a direção do tratamento psicanalítico da psicose. Deste modo, espera-se que este pequeno trabalho suscite novas perguntas, em mim e em outros, afim de que novas pesquisas se apresentem na direção de se obter maior precisão teórico/clínica pensando em como auxiliar estes sujeitos na direção da cura por eles iniciada.

2. NEUROSE E PSICOSE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS EM FREUD E LACAN.

“Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo aonde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria”. (FREUD, 1923/1996, p. 38)

A situação do ego na formação da estrutura psíquica é bastante delicada. Ele, como sabemos, não está dado desde o princípio, mas é uma construção a partir de uma resposta ante as pulsões parciais, o narcisismo daqueles envolvidos nos cuidados das crianças, ainda bebês, saindo de uma posição de autoerotismo para a fundação desta instância de importância capital. Igualmente recai sobre si a responsabilidade do recalque das pulsões libidinais a fim de evitar maior sofrimento.

A passagem que escolhemos para abrir esta seção direciona nossa perspectiva a respeito desta instância, concebendo-a como um habilidoso diplomata ante as injunções operadas pelo superego, mundo externo e o id. Certamente isto não é tarefa fácil, pois estes três elementos tendem a não manter uma relação amigável no que se refere ao equilíbrio da vida psíquica. Vejamos.

Em *O ego e o Id*, Freud (1923), na seção III faz uma breve retomada do Édipo a fim de explicitar a formação do Superego e observa que a graduação no ego que sustentará fora anunciada primeiramente em *O Narcisismo: uma introdução*, texto de 1914. A questão da formação do ego e sua graduação são de importância basilar na estrutura da teoria psicanalítica, pois permite a leitura do funcionamento psíquico no que tange a neurose, perversão, psicose, bem como o chamado estado normal. Assim, no texto de 1914, Freud, demonstra que o narcisismo observado nas crianças se trata de elemento secundário. Ou seja, que na relação estabelecida entre o bebê e as pessoas envolvidas com seus cuidados há o estabelecimento do primeiro narcisismo. Na etapa localizada como autoerotismo, em que há uma dispersão das pulsões (pulsões parciais) sobre o corpo da criança, que ainda não possui um ego, é a introdução do narcisismo dos pais (ou pessoas envolvidas com seus cuidados) que dará base para a unidade posteriormente chamada de ego e conseqüentemente do narcisismo secundário. Desta maneira, é preciso que haja um investimento libidinal para que surja o narcisismo. Sem esta ação, seguindo Freud (1914), não seria possível o surgimento do ego, devido ao jogo de forças que é necessário para a sua formação. Portanto, é a partir deste movimento que pode formar-se o ego e é pela ação direta do narcisismo dos pais que o ego da criança tem sua constituição. Freud (1914) se expressa a este respeito da seguinte maneira:

O narcisismo primário das crianças por nós pressuposto e que forma um dos postulados de nossas teorias da libido é menos fácil de apreender pela observação direta do que de confirmar por alguma outra inferência. Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. (FREUD, 1914/1996, p. 97).

A teoria da libido mencionada por Freud (1914) pressupõem a existência de dois tipos, a saber, a libido do ego e a libido objetal. A primeira tem vinculação direta com a pulsão de autopreservação, isto é, se utiliza da necessidade biológica (alimentação) e cuidados de higiene para o seu fundamento. Para o seu surgimento, há a combinação dos fatores mencionados acima, sendo, portanto, o autoerotismo parte integral e fundamental. Desta forma, ao ser alimentado pela primeira vez no seio materno, a criança fixa o prazer obtido pela saciação da fome mais também localiza (em função das zonas erógenas) um prazer, *oral*, outro no ato de se alimentar. Em cada uma das chamadas zonas erógenas operará tal procedimento vincutivo, graças às pulsões sexuais. Este processo se opera em combinação com o investimento libidinal (narcísico) dos pais junto à criança e irá compor o seu ego, bem como sua libido do ego, que é a estrutura básica do narcisismo originário. A libido objetal é uma segunda etapa do processo de configuração do ego, pois é apenas após o seu surgimento (do ego) que será possível e necessário que a libido e as pulsões sexuais que estão todas direcionadas para o ego se dividam e parte delas seja transferida para objetos externos. Como sabemos, a psicanálise aponta que há dois objetos (sexuais) essenciais para a criança, ela própria e sua mãe. Ao se constatar o “tratar a si como objeto sexual”, pela via da libido do ego, é que se faz possível presumir a existência do narcisismo primário.

Assim, nesta lógica, o primeiro objeto sexual de um humano é ele próprio. Como observa Freud (1905) nos *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*, com as zonas erógenas, há uma associação entre a atividade sexual com uma “das funções que servem à preservação da vida”. Nesta observação ele está tratando da questão do mamar no seio e o autoerotismo envolvido, portanto, as pulsões sexuais associadas à libido do ego. E avança explicitando a essência deste procedimento:

A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento – uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas também mastigado. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, *e porque desse modo ela se proporciona como uma segunda zona erógena*, se bem que de nível inferior. (FREUD, 1905/1996, p. 171).

A segunda etapa do processo de desenvolvimento do ego implicará no surgimento de uma gradação no mesmo, isto é, o superego. Freud (1914) se questiona a respeito do que teria ocorrido com a megalomania inicial observada nas crianças e que nos adultos se apresenta menos intensa. Em síntese o que houve com a libido do ego? Ele entende que a simples ideia que esta libido tenha sido transformada unicamente em libidos objetais vai à contramão da argumentação proposta, portanto, outro destino ela deve ter tomado. A resposta a que se chega é que ela fora desviada para uma gradação no ego com a formação de um ego ideal e que este será responsável, em parte, pela estruturação do recalque. Na formação desta gradação a criança estará lidando com o Édipo, e parte das relações dela estará na divisão entre os afetos com o pai e a mãe e a ambivalência, acentuada, que tratará o primeiro. Desta maneira, parte do processo educacional já se opera e elementos morais estão em questão neste momento. Assim, a construção do ego ideal, cumprirá em boa medida em dar condições para que o ego opere o recalque. Contudo, o ego não faz isso, sem dispêndio de energia, pois a questão estará em um novo deslocamento libidinal. Seguindo Freud (1914), a questão é que este novo ego (ideal) será objeto de amor de tal maneira que acarretará uma atualização do narcisismo primário:

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (FREUD, 1914/1996, p. 100).

O que se segue na argumentação freudiana a respeito da formação do ego ideal é de uma delicadeza e precisão conceitual e tem implicações diretas na estrutura sintomática da neurose, perversão e psicose e claro nos estados normais. Esta operação que o ego empreende é por si substitutiva, cumpre, portanto, um deslocamento para algo “novo”, porém não exatamente. Ao constituir este ego ideal, o ego, busca se proteger das insatisfações que estão lhe sendo impostas a si e ao id, e ao se deparar com elas, constrói um ideal, amado, tal como ele mesmo fora no passado. A questão centra-se no efeito direto de uma defesa, e como é a libido que está em causa, ela encontra seu caminho no recuo – regressão. Como diz Freud (1914),

O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1969/1914, p. 101).

Não sem sentido, portanto, que se deve reconhecer neste processo a dificuldade do ser humano de abandonar uma satisfação obtida. Os exemplos a respeito da sintomatologia na neurose, perversão e psicose são diversos orientando-se neste caminho.

Freud (1914) é taxativo ao dizer que a questão não se vincula à ideia de uma sublimação pulsional, pois enquanto esta está localizada na libido objetual e cumpre a função de *“dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo a tônica recai na deflexão da sexualidade”*. (FREUD, 1914/1996, p. 101).

Assim, a diferença estaria na modalidade da libido, ou seja, enquanto na sublimação a causa está na libido objetual, no processo de idealização é a libido do ego que está em jogo e é ela quem opera, mas não só. Isto é, enquanto a primeira objetiva afastar a finalidade sexual a outra opera exatamente no que há de sexual. Contudo, a idealização pode diferentemente da sublimação, se configurar nas duas libidos, a saber, no caso da supervalorização sexual de um objeto. E na formação do ideal do ego, ambas irão operar a fim de obter o resultado final de sua realização. Sendo assim, uma parte da libido do ego é reativada de modo a ser possível amar esse ego ideal, mas também uma parte da libido objetual (com características próprias à sublimação), se fará presente. Desta forma, a operação que se configura é a de um ego ideal prenhe da revivescência do narcisismo primário, e a libido do ego agindo de maneira expressiva e por isso, também, uma sublimação das pulsões sexuais direcionadas a este objeto. Isto é, pode-se amá-lo, mas não tanto, ou ao menos não plenamente como objeto sexual. Como aponta Freud (1914), *“[...] a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão.”* (FREUD, 1914/1996, p. 101).

Como havíamos colocado no início do texto o ego é certamente uma das instâncias mais curiosas na estrutura teórica psicanalítica, embora o id (inconsciente) certamente chame, imediatamente, mais atenção por se apresentar um tanto misterioso. Porém, ao se observar os desafios que são colocados para o ego pelo Id e o mundo externo, há que se reconhecer a sua importância como grande mediador. E nas operações que se formam até a chegada desta segunda fase do narcisismo é bastante profícuo o trabalho do ego. E é neste texto de 1914 que Freud faz alusão direta à existência do superego, assim ele se expressa:

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal (FREUD, 1914/1996, p. 102).

Em o Ego e o Id, artigo de 1923, na seção III, Freud, irá tratar essencialmente das relações entre as três instâncias, o ego, o id, e o superego. O processo do surgimento do ego ideal é correlato ao do Édipo, é na situação de identificação com o pai que a criança, no caso o menino, localiza nele este novo ego. A própria estruturação do ego ideal ou superego, está na lógica defensiva do ego ante as injunções impostas pela realidade (mundo externo) e pelo id. Este último atua utilizando-se das pulsões sexuais direcionadas ao pai e a mãe. No caso da mãe a intensificação do primeiro objeto sexual, localizado no seio, e no pai uma hostilidade em razão da descoberta de que este é um empecilho à realização destes desejos, mas também objeto de desejo. Contudo, Freud (1923), aponta que este processo não é sempre tão simples, pois há na criança uma ambivalência em relação ao pai e à mãe. Em dado momento ela tanto se sente desconfortável com a interdição paterna, mas igualmente, também, o ama, assumindo uma posição feminina, em função da bissexualidade constitucional. Assim, a dissolução do complexo de Édipo, nos neuróticos, aponta para uma identificação dupla, com o pai e a mãe, e somente a intensificação desta identificação determinará qual será sua disposição sexual. Sendo desta forma, segundo Freud (1923):

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. (FREUD, 1923/1996, p 46-47)

Ele aponta ainda que não se trata apenas de resíduos destas escolhas objetais do id e o que é mais importante, é também, uma reação forte contra estas escolhas. Isto é, não se trata de uma identificação estruturada apenas no preceito “você deve ser como seu pai”, mas também em sua negativa. O superego é, portanto, uma vocalização do interdito basilar da constituição psíquica, aquela que irá determinar sobremaneira qual será o meio discursivo com que cada sujeito irá se apresentar ante a vida. Ele é também, uma parte integrante do id, e assim irá falar com o ego. Observe-se que mais uma vez o ego, no intuito de evitar maior sofrimento, cria caminhos para que o id seja satisfeito. O superego é o fiel desta ação. É com a ascensão do superego que o Édipo declina, e o ego apresenta este substituto mediador que irá dar ao id um meio de se manter falante, embora, tenha sido o seu silêncio que se objetivava. Desta feita, o ego nunca estará só, sempre estará acompanhado do seu duplo, ego-ideal, e isso é constitutivo e veremos os desdobramentos disso na neurose e na psicose. Enquanto na primeira, temos um superego que sibila o que

deseja, na psicose ele irá surgir como vocalização. Em ambos os casos o que estará em questão é o gozo. O que surge como efeito sintomático na construção do compromisso que se forma em torno do ego no seu processo de defesa. No caso da neurose será pela via do recalque que se buscará o silenciamento das injunções do id, portanto, sendo este por excelência seu mecanismo defensivo. Já a psicose operará com um mecanismo bastante particular como demonstra Freud (1984) em um artigo a respeito das “Neuropsicoses de defesa”, isto é, a *Verwerfung* (a recusa). Este mecanismo será essencial para a concepção da forclusão do significante paterno, posteriormente formulada por Lacan. É o que compõe o subtópico seguinte deste primeiro capítulo.

2.1 Sobre os mecanismos de defesa: *Verdrängung* e *Verwerfung* em direção a forclusão do nome do pai.

“o eu rompe com a representação incompatível; esta, porem, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total ou parcialmente da realidade”. (FREUD, 1894/1996, p. 65)

Ao tratar do mecanismo de defesa das chamadas neuropsicoses (histeria, obsessão e paranoia), Freud (1894-1896), produz dois textos essenciais a este respeito. O primeiro, “Neuropsicoses de defesa” de 1894 e “Observações adicionais às neuropsicoses de defesa” de 1896. No primeiro texto, Freud, faz uma distinção a respeito dos mecanismos de defesa operados na neurose histérica, obsessiva e confusão alucinatória; já no segundo, mantém a discussão das duas primeiras modalidades e inclui o mecanismo da paranoia. A questão se centra no resultado obtido pelo ego no processo defensivo. Segundo Freud, o ego na neurose tenta operar um afastamento da representação que causa conflito, porém isso não é exatamente possível, pois: “*o traço mnêmico como o afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados.*” (1894/1996, p.56). Assim, o mais próximo que ele consegue chegar na obtenção de sucesso é quando reduz esta poderosa representação, que possui forte quantidade de energia, a uma representação desvanecida em sua potencialidade com consequência sobre o afeto correspondente. Portanto, é no enfraquecimento da representação e na retirada do afeto ligado a ela que se opera seu sucesso. Contudo, ao afastar o afeto, esta excitação tem que encontrar algum caminho, pois ele não é eliminado e sim afastado da representação e assim continua operando dentro do sistema. Nesta perspectiva, a histeria, fobia e obsessão realizam o mesmo processo. A diferença se dá em uma segunda fase que tem a ver com a conexão/distribuição deste afeto.

O ego na histeria se utilizando da conversão, que pode ser total ou parcial, obtém uma libertação da contração, diz Freud, que o levou ao conflito. Contudo, ao fazer isso, ele (o ego):

sobrecarrega-se com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência como uma espécie de parasita, quer sob a forma de uma inervação motora insolúvel, quer como uma sensação alucinatória constantemente recorrente, que persiste até que ocorra uma conversão na direção oposta. Conseqüentemente, o traço mnêmico da ideia recalçada não é, afinal, dissolvido; daí por diante, forma o núcleo de um segundo grupo psíquico. (FREUD, 1894/1996. P. 56).

Como se vê o ego encontra uma saída para lidar com a representação de modo a se defender da questão subjacente que se encerra em uma excitação sexual, que para não ser realizada encontra seu escoadouro numa inervação somática, pela via da conversão. Lembrando que se trata de não se haver com a excitação (sexual) produzida no sistema ou lidar com ela de outro modo. É uma solução, porém falha, pois obrigada a se expressar por um caminho inadequado e leva ao retorno da representação inicial abrindo duas saídas *“elaborar a representação associativamente ou livrar-se dela em ataques histéricos.”* (1894/1996, p). De todo modo, este é um processo possível na estruturação da histeria de conversão ao qual o ego se apega para se defender da representação e do afeto a ela conectado.

Por sua vez, na neurose obsessiva e na fobia, o ego irá operar um procedimento que certamente lhe trará maior prejuízo, demonstrando, assim, que embora a defesa executada na histeria de conversão seja ruim, lhe é menos danosa quanto o que se faz presente nestas duas outras neuroses. No caso da primeira, o afeto separado da representação conflitiva, que se encontra agora enfraquecida, faz novas conexões com representações que por essência não operam conflito e em função deste deslocamento se configuram como obsessivas, pois está em questão uma ligação falsa. Assim, por meio do deslocamento do afeto e por esta nova conexão, estruturam-se as ideias obsedantes que tanto consomem energia. A questão central, neste ponto, é que o afeto não sendo descarregado pela via da conversão fica circulando no sistema psíquico. Freud aponta que o afeto em questão é de natureza sexual e a associação que irá obter, pela falsa ligação, será vinculado a ele. Mais ainda, que o afeto não mudou nem arrefeceu, apenas se encontra afastado, e *“que a representação incompatível é abafada e isolada da memória”*. (1894/1996)

Pois bem, feita esta breve exposição do mecanismo defensivo realizado pela neurose a título de introdução à questão dos processos de defesa realizado pelo ego, abre-se a necessidade de precisar seus aspectos. Nas duas modalidades explicitadas vemos o ego lidando com a representação incompatível e seu afeto de modos distintos buscando um meio de continuar existindo juntamente com elas apesar do desconforto que se apresenta. Não sendo possível eliminá-lo e converter, obseda ou foba, porém a representação se mantém na consciência. Apesar disso, ele ainda se coloca conectado mais fortemente com a realidade. Em essência, o mecanismo por excelência aqui operado é o recalque (*Verdrängung*). Ele, por via do ego, que permite este novo ordenamento da coisa, ainda que não seja satisfatório, representa uma operação no campo da realidade.

A psicose alucinatória por outro lado, irá operar com um mecanismo bastante particular nomeado por Freud de *Verwerfung* (recusa). Na abertura desta seção foi colocada a base deste processo, apontado por Freud (1894), isto é, que o ego não afasta ou enfraquece a representação incompatível, ele rompe com ela, mas ao fazê-lo esta fica irremediavelmente ligada à realidade. E mais, deste ato decorre um desligamento parcial da realidade. Assim, a representação conflituosa é recusada pelo ego de tal modo que este irá operar como se ela não tivesse se quer existido. Esta é a modalidade defensiva apontada por Freud (1984) a respeito da confusão alucinatória. No Rascunho H, ao seu final, Freud, aponta um esquema a respeito da confusão, insistindo que diferentemente da neurose histérica e as ideias obsessivas, tanto o afeto quanto o conteúdo ideativo, serão mantidos fora do alcance do ego. Nesta via defensiva, o afastamento (parcial) do mundo externo é convocado para que o ego não tenha que se haver com a representação incompatível. Neste sentido, ao surgimento das alucinações, estas cumpririam o papel de dar suporte ao processo de defesa. Enquanto a neurose opera com a *Verdrängung* (o recalque) a confusão alucinatória e a paranoia utilizam-se da *Verwerfung* (a recusa), como mecanismo defensivo. Simanke (1994) aponta que este conceito de *Verwerfung* tem sua primeira aparição neste texto de 1894 e ele se aproxima muito do conceito produzido por Lacan da forclusão do nome-do-pai. Mais adiante trataremos a respeito da forclusão, por ora, cabe observar como se organiza a paranoia com a utilização da *Verwerfung*.

Pois bem, na paranoia, embora se use o mesmo mecanismo defensivo da confusão alucinatória, diferentemente não haverá um afastamento da representação incompatível do ego, isto é, o conteúdo e o afeto serão mantidos, porém, com um abuso da projeção são lançados ao mundo externo. Ou seja, se recusa a representação, o ego se defende,

porém o afeto e o conteúdo desta ideia provem de outrem e não do ego do paranoico. Ainda como diferenciação entre a confusão alucinatória e a paranoia destaca-se o efeito da presença das alucinações, que ao ocorrerem na segunda se configuram como hostis ao ego o que na primeira se “comprazem” a ele. Contudo, em ambos os casos reforçam o mecanismo de defesa. Tal como a neurose obsessiva abusa do mecanismo de substituição, a paranoia faz o mesmo a respeito da projeção, ambos mecanismo utilizáveis pelo ego; a tônica em questão é o excesso que cada uma das estruturas aplicam em função da defesa.

Cabe notar que Freud utiliza comparações do funcionamento da neurose obsessiva e da paranoia em razão da proximidade que elas comportam no que tange a estruturação da defesa, ainda que o mecanismo seja distinto. Tanto no Rascunho H, como no K e na carta 52 será possível observar esta sua escolha para explicar a paranoia e a obsessão. É importante ressaltar que a defesa se faz, para Freud, no rascunho K, em função de duas precondições “[...] *que seja de natureza sexual e que ocorra durante o período anterior à maturidade sexual (as precondições de sexualidade e infantilismo)*”(FREUD, 18..., p. 267). Sendo assim, a questão da defesa está relacionada ao encontro com o que sexual, isto é com a experiência primária:

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento é, em geral, sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalçada. (2) seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. (3) um estágio de defesa bem sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário. (4) o estágio em que as ideias recalçadas retornam e em que , durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são as da doença propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjulgado , ou de recuperação com uma mal-formação. (FREUD, 1896/2006, p. 269).

Assim, no caso da neurose obsessiva o processo gira em torno da experiência primária que é percebida como prazerosa, sendo ativa nos meninos e passiva nas meninas. Somente a posteriori este primeiro contato sendo lembrado, ele será carregado de desprazer e conseqüentemente produz-se uma autocensura consciente. Não operando nenhuma nova modificação, forma-se um recalque. Portanto, no processo de recalçamento é o seu retorno que produzirá os efeitos mais claros do adoecimento:

No estágio do retorno do recalçado ocorre que autocensura retorna sem modificação, mas raramente de modo a atrair a atenção para si, durante certo tempo, portanto, emerge simplesmente como um sentimento de culpa sem qualquer conteúdo.(FREUD, 1896/2006, p. 271)

Diferentemente da neurose obsessiva a paranoia irá recusar a autocensura, como sendo do sujeito, quando esta surgir na consciência e pelo uso do mecanismo de projeção tratará isso como sendo proveniente do outro. Enquanto o ego na obsessão não acreditará nas ideias obsessivas, na paranoia haverá a certeza de que o outro sabe. Nela a questão também gravita a primeira experiência sexual, ela também será determinante em sua formatação. Desta maneira, para Freud(1896) o conteúdo da experiência primária faz retorno como um pensamento alucinado – visual ou sensorial. O seu afeto se apresentará pelas alucinações auditivas e aquilo que ele lembra sofre distorção por via da substituição de imagens parecidas com o que vivencia no presente. A substituição aqui operada é distinta da neurose obsessiva, pois neste caso se trata de um efeito cronológico e não se faz, portanto, uma “formação de um substituto”. Como apontado acima, as alucinações auditivas cumprem o papel de um sintoma de compromisso(reforçam a defesa) embora sejam hostis ao ego, isto é:

As vozes, igualmente, lembram a autocensura, como sintoma de compromisso, e o fazem, em primeiro lugar distorcidas em seu enunciado a ponto de se tornarem indefinidas e de se transformarem em ameaças; em segundo lugar relacionam não com a experiência primária, mas justamente com a desconfiança, isto é, com o sintoma primário.(FREUD, 1896/2006, p. 274).

A questão se volta para o modo pelo qual se estrutura a resposta defensiva do ego ante a experiência primária, pois o ego irá separar a crença e a autocensura, e isso terá efeito na formação dos sintomas de compromisso. Assim, utilizando da crença e da autocensura o ego tenta explicá-las e se forma a primeira etapa do processo delirante, chamada por Freud de delírios assimilatórios. E segue Freud:

Nesse ponto, com o retorno do recaiado sob forma distorcida, a defesa fracassa de vez; e os delírios assimilatórios não podem ser interpretados como sintoma de defesa secundário, mas como o início de uma modificação do ego, expressão do fato de ter sido ele subjugado. O processo atinge seu ponto conclusivo ou na melancolia (sentimento de aniquilação do ego), que, de um modo secundário, liga as distorções a crença que foi desvinculada da autocensura primária; ou o que é mais frequente e mais grave – nos delírios protetores, megalomania, até o ego ser completamente remodelado.(FREUD, 1896/2006,p. 274-275).

Desta forma, a Verwerfung irá operar sobre a crença na autocensura, isto é, irá recusar a crença e utilizará o mecanismo da projeção para dar conta no processo defensivo. Afinal o que não provem do que é interno só pode ser do externo sua existência. Assim, o recalque(Freud utiliza este termo para se referir ao processo) se configura somente após um pensamento consciente de recusa da crença na experiência primária. Sendo a Verwerfung o mecanismo por excelência utilizado pelo ego na

confusão alucinatória e na paranoia, no caso da segunda, adicionado à projeção para lidar com a recusa da crença, ignorando, portanto, a autocensura operada pelo ego. Como adiantamos acima o conceito de *Verwerfung* é extraído por Lacan dos textos freudianos para a configuração da forclusão do nome-do-pai. Conceito este essencial pensado por ele para dar conta do que ocorre na psicose. É isso que abordaremos neste segundo subtópico.

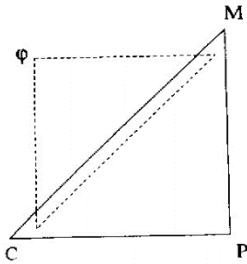
2.2 Sobre os mecanismos de defesa: Da *Verwerfung* à forclusão do Nome-do-Pai.

Com efeito o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1958/1999, p. 152)

Lacan, a partir do conceito de *Verwerfung* de Freud, numa tentativa de precisar o mecanismo de defesa operado na psicose, transpõe um termo da ciência jurídica para a psicanálise e adota a *forclusion* (forclusão), que em francês seria o equivalente a perda do prazo para apresentar uma defesa/petição em um processo. Para Lacan, a forclusão do nome-do-pai, é a ex-clusão do significante paterno e explica a própria estrutura da psicose. Este significante alçado à categoria de significante mestre na ordem significante terá efeitos de estruturação do que é psíquico. Ele (NP) é por essência um processo de substituição significante, que se faz presente na estrutura do complexo de Édipo. Desta maneira, é retomada esta configuração mítica/sociológica, freudiana, para explicar o psiquismo, e a partir do conceito de *Verwerfung* que Lacan extrai a noção do que ocorre na psicose.

Em essência ele demonstra aquilo que se desenrola na relação da criança com seu desejo, que em sua base é desejo do desejo do Outro, isto é, o desejo da mãe em relação a uma outra coisa, que se faz estrutura nesta primeira fase. O que seria esta outra coisa? Para Lacan (1958), a outra coisa é o Falo naquilo que ele tem de simbólico. Freud, no texto de 1914, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, aponta que uma saída possível para as mulheres de seu próprio narcisismo é a geração de uma criança, pois esta ocuparia o lugar do Falo negado no Édipo, uma vez que bebê e falo teriam equivalência. Desta forma, ao gerar uma criança, estas mulheres experimentariam a satisfação de possuir este falo. A criança por sua vez, se identificando com o desejo da mãe, se faria como este objeto. Contudo, a coisa não se desenrola efetivamente deste modo, como aponta Lacan (1958), uma vez que a questão ali não se daria em uma linha reta, mas seria formada

por um ternário imaginário, em que estariam implicados a mãe, a criança e o falo, conforme demonstra a imagem abaixo, seguindo as linhas pontilhadas, em que C, representa a criança, M a mãe e na parte superior está o falo. Na parte em que consta a linha não pontilhada teremos a entrada do Pai, representado pela letra P. Isso se dará em um segundo momento.



Pois bem, é o que se passa no pontilhado que será parte integrante da própria escolha seja qual for a estrutura clínica que se formará. Embora, do ponto de vista do imaginário, mãe e criança joguem este jogo, o falo estará em causa como símbolo, fazendo com que a coisa não se dê de maneira tão direta. Assim, é por se fazer objeto do desejo da mãe, identificando-se com o lugar do falo que a criança inicia sua jornada edípica. Contudo, é com a entrada do pai simbólico, como aquele que se apresentará como detentor do falo, que haverá o corte nesta relação imaginária no par mãe-criança. Ou seja, é com o advento da metáfora paterna que se produz um corte direto, apontando para a mãe que ela não poderá reintegrar seu objeto, a criança, e para esta que a mãe também não é toda, pois tem algo que vai além.

Desta forma, na lógica da castração o que está em causa é que o que o pai proíbe na estruturação do Édipo, é o acesso direto à mãe, pois determina que ela, enquanto objeto, é dele. Assim, ele (pai), como símbolo, pois é como simbólico que jogará, uma vez que é o texto da Lei que ele carrega, age, na produção desta frustração da relação imaginária, para a criança sobre este objeto real que é sua mãe. Observe-se que a frustração, o corte operado, é sobre a criança e a mãe, mas a “castração” incidirá sobre a mãe como Outro primordial. Nisso decorre todo o processo que se fará de importância basilar, pois determinará onde na estrutura psíquica a criança irá transitar se neurose, psicose ou perversão, pois a recusa da castração operada poderá implicar em um caminho para a psicose, a simbolização da castração apontaria a neurose e a sua negação para as perversões. Isto é, a situação colocada é de ser ou ter; aceitando ser ficaria aprisionada na relação dual imaginária, a sua outra via é simbolizar o interdito, e colocar como aquele

que pode ter o falo, no caso do menino. Nas meninas, o processo se daria em aceitando que não o tem, mas sabendo onde o encontrar – no pai. Ora, a castração que incidirá sobre a criança, determinará sobremaneira uma saída, mas caberá uma “escolha”, como diz Lacan(1958):

Não chamaríamos o que está em jogo no complexo de castração se, de certa maneira, isso não pusesse em primeiro plano que, para tê-lo, primeiro é preciso que tenha sido instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo.(LACAN, 1958/1999, p. 193)

Desta forma, se mantiver a identificação com o falo, é uma recusa da própria castração e da castração que incide sobre o Outro, pois implicaria em ficar como objeto de gozo deste. A assunção da aceitação aponta para a simbolização da lei de proibição e joga para a amnésia infantil os desejos que foram direcionados para este objeto primordial que fora a mãe, portanto, recalcados. O processo para a chegada neste ponto é o que Lacan denomina de metáfora paterna, isto é, um processo de substituição significativa em que há entrada do Nome-do-Pai no lugar do desejo da mãe. Como demonstra o gráfico abaixo.

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

Figura 4. Fórmula da metáfora paterna

No trânsito do processo em que há a simbolização da interdição, o Nome-do-pai, age sobre o desejo da mãe operando uma substituição significativa. Esta substituição significativa determina, a separação do par mãe-criança da lógica imaginária em que o falo entra como terceiro e desloca o processo para a presença deste pai, como aquele que detém o falo. Assim, é à própria significação do falo que estará em questão. Como é possível acompanhar no gráfica da metáfora paterna proposto por Lacan.

Segundo Lacan, os S são $\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{\alpha} \rightarrow S \left(\frac{I}{s} \right)$ por essência significantes, o x ocupando a significação desconhecida para o sujeito e o s representando o significado que será produzido pela metáfora paterna naquilo que ela efetua de substituição na cadeia significativa do S' por S. E continua:

A elisão de S', aqui representada por seu risco, e a condição do sucesso da metáfora. Isso se aplica, assim, à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, à metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe.(LACAN, 1958/1998, p. 563).

Importante observar que é na ausência da simbolização do significante Nome-do-Pai que se configura a estrutura da psicose, pois o ato ausente determina um furo na

relação do sujeito com a cadeia significante. A ausência em questão nada tem a ver com o pai real, mas com a falta do significante na estrutura simbólica. E é sobre esta ausência que Lacan(1958) nomeia a forclusão do Nome-do-Pai, como elemento determinante na psicose. Ou seja, o furo no lugar da significação fálica. Portanto, é interpretando dos textos freudianos o conceito de Verwerfung, que nasce a ideia de forclusão, como explica Lacan(1958):

A Verwerfung será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica.(LACAN, 1998/1958, p. 564)

É no processo de simbolização, na substituição metafórica do Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai, que irá operar o silenciamento do Outro, não sendo possível para o sujeito gozar como objeto do Outro, nem este gozar do sujeito, como ocorria na relação dual. Isso tem implicações profundas no processo de economia psíquica, haja vista, que ao operar a substituição significante haverá uma perda de gozo, o qual só será possível ser reencontrado na fantasia, no caso dos neuróticos. Uma vez que nesta operação uma barra é colocada no Outro primordial, pois ele também se encontra submetido à Lei, o caminho a seguir pelo sujeito é o de aguardar o momento de utilizar o falo prometido, saindo , portanto, ele também dividido no processo, pois o recalque irá operar.

É na não realização da substituição significante e com o surgimento do furo na significação fálica que se abre espaço para que o sujeito na psicose se apresente como objeto das servicias do Outro, como demonstra Schreber. É no nível da significação fálica que é convocado a responder, que a psicose se apresenta no sujeito, uma vez que é exatamente lá, onde estaria o significante do Nome-do-Pai que se encontra o furo. Desta maneira, a resposta do sujeito para lidar com isso é uma tentativa de fazer suplência a este significante pela via delirante e alucinatória. Isso pode ser lido em Freud(1924), em seu artigo “Neurose e psicose”, quando afirma que o delírio surge como um remendo, como meio de reconecta o sujeito com a realidade, pois ao final *“a perda da realidade afeta exatamente aquele fragmento de realidade, cujas exigências resultaram na repressão instintual ocorrida.”* .(FREUD, 1924/1996, p. 205). Veremos como isto se organiza e quais são seus efeitos nos capítulos seguintes. Como a forclusão determina as relações do sujeito na vida, bem como qual é a função do narcisismo na estrutura do processo defensivo. A questão gira em torno do processo de defesa operada pelo ego e em que medida isso implica na estrutura mesma do processo de condução clínica, na

direção do tratamento. A partir do próximo capítulo entramos naquilo que se refere à clínica propriamente dita e aos impasses e saídas que se pode encontrar no tratamento da psicose.

3. A CLÍNICA DA PSICOSE E SEUS IMPASSES.

“O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.” (FREUD, 1914/1969, p, 81).

Uma clínica psicanalítica que pudesse ser aplicada ao tratamento das psicoses, efetivara uma torção na estrutura teórica da psicanálise a partir da entrada da escola de Zurique com Bleuler e Jung, mais especificamente com as provocações colocadas por este último a Freud a respeito deste tema. A torção que é referenciada aqui é aquela que leva Freud a desenvolver e precisar o conceito de narcisismo e toda implicação que isso terá na clínica psicanalítica. Não focaremos na questão direta dos problemas entre Freud

e Jung, embora seja importante como contexto histórico e de relevância para o avanço da teoria, pois ela consta com maior precisão no texto “História do movimento psicanalítico”, do mesmo volume no qual se encontra o texto sobre o narcisismo. Assim, passemos para os problemas teóricos vinculados à nossa temática.

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” Freud (1914) aponta que na psicose (parafrenia, como ele propõe que seja chamada a esquizofrenia) há um desinvestimento libidinal dos objetos e um retorno da libido sobre o ego, fazendo uma regressão à megalomania constitucional da formação do eu, o que explica, em parte, a formação delirante no que toca aos efeitos desta operação. Isto é, o delírio e a alucinação, coloca o sujeito psicótico à mercê desta libido, contudo, a localiza do lado de fora. Observe-se que isso é uma ação secundária à desestabilização da relação do sujeito com a realidade, pois em certa medida a megalomania opera como contentor. Apenas se ela (a megalomania) falhar na contenção, que se observa o surgimento das alucinações e delírios. A referência à megalomania é dada no sentido do primeiro momento do narcisismo, naquilo que o sujeito se localiza como amando a si de tal modo que lhe cause um autocontentamento. Assim, para Freud (1914) a primeira defesa contra o gozo que invade o psicótico é uma regressão ao primeiro estágio do narcisismo e somente com sua falha que surge toda fenomenologia sintomática da psicose. Desta maneira, a segunda etapa estaria vinculada à restauração do mundo, com conseqüente retorno da libido aos objetos, porém sobre uma nova formação que implicará o delírio ou alucinação. Isto é importante, pois será a base para parte da explicação lacaniana a respeito do objeto *a* e a não extração dele no caso da psicose. Trataremos deste aspecto mais a frente.

Assim, Freud aponta com o conceito de narcisismo um caminho para se pensar a formação psíquica normal e a estruturação da psicose, da neurose e perversão. Portanto, a desregulação psíquica provocada por uma injunção obrigará o psiquismo responder pela via de uma defesa. Enquanto a neurose se defende com uma formação de compromisso (o sintoma) em um processo de economia psíquica, a psicose responde com uma regressão à megalomania, havendo falha na contenção da libido por ela, há uma tentativa de restauração do mundo a partir de novos principados. Importante observar que Freud (1914) aponta que o deslocamento da libido do mundo externo para o ego impossibilitaria o tratamento psicanalítico da psicose. Para ele, este processo cria dificuldades no tratamento, uma vez que o desligamento dos objetos externos não permitiriam o estabelecimento de uma transferência, condição *sine qua non* do processo psicanalítico.

A questão está na economia psíquica que se opera no processo de defesa utilizado, tanto pela psicose, como pela neurose. Deve-se atentar para a constatação de que a perspectiva freudiana a respeito do aparelho psíquico é a de um ambiente estruturado pelo excesso, desde o texto de 1895, isto é, o “Projeto para uma psicologia científica”. Neste texto concebe-se como função primordial do aparelho psíquico, o domínio das excitações, internas e externas, a fim de evitar o adoecimento. Assim ele o descreve em “*Sobre o narcisismo uma introdução*”:

“Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é no momento indesejável”. (FREUD, 1969/1914, p. 92).

A respeito da neurose ele considera que não faz diferença se este processo se opera em objetos reais ou imaginários, pois se há uma elaboração sendo efetivada, permite um caminho para a saúde. Porém, se no processo de transferência da libido para objetos imaginários há um represamento da mesma (introversão), observa-se que abre caminho para manifestações da doença - neurótica. Como apontamos acima, a megalomania, opera elaboração de maneira igual na psicose a respeito da libido que volta ao ego e somente caso esta falhe em conter esta energia, de maneira laborativa, este deslocamento libidinal apresenta-se como patogênico e se manifesta numa tentativa de reencadeamento que se apresenta como a doença em si – o delírio e a alucinação.

Assim, a questão que se coloca como diferenciação entre a neurose a psicose, estaria localizada no seguinte, enquanto uma no processo de desligamento da libido dos objetos externos, em função da frustração, mantém uma conexão com a libido no campo da fantasia a outra tem toda esta libido retornando sobre o ego. Portanto, a megalomania, se apresenta como uma contrapartida psíquica da introversão. O processo de introversão permite ainda a construção de fantasias nas neuroses de transferência (histeria, neurose obsessiva). A falha no processo da introversão e da megalomania, a primeira para neurose e a segunda para psicose, abre espaço para o surgimento da ansiedade neurótica e a hipocondria psicótica. Enquanto a neurose pelo processo de elaboração via conversão, formação de reação cria fobias, a psicose manifestará as alucinações e delírios.

Embora, no início do texto Freud (1914) aponte um desligamento da libido dos objetos externos, ele dá uma nova orientação no sentido que este processo, talvez, não seja total e sim parcial. Isso é realmente importante, pois se houvesse um desligamento

total da libido do mundo externo, não seria possível qualquer conexão com um psicótico. Afinal este estaria inacessível a todos e qualquer ser que não ele próprio. Assim, ele define o processo de defesa e restauração correspondente à psicose (parafrenia):

De uma vez que a parafrenia com frequência, se não geralmente, acarreta apenas de um desligamento parcial da libido dos objetos, podemos distinguir três grupos de fenômenos no quadro clínico: (1) os que representam o que resta de um estado normal de neurose (fenômenos residuais); (2) os que representam o processo mórbido (afastamento da libido dos seus objetos e, além disso, megalomania, hipocondria, perturbações afetivas e todo tipo de regressão); (3) os que representam a restauração, nos quais a libido é mais uma vez ligada a objetos, como uma histeria (na demência precoce ou na parafrenia propriamente dita), ou como uma neurose obsessiva (na paranoia). FREUD (1969/1914, p. 93)

A situação de impasse colocado por Freud (1914) no tratamento psicanalítico da psicose está centrada no aspecto por ele retomado constantemente neste texto, a saber, o desligamento libidinal dos objetos externos sem manutenção deles na fantasia. Neste sentido, não havendo conexão com objetos externos, não haveria possibilidade de uma psicanálise da psicose, pois esta não permite o estabelecimento de uma transferência. Enquanto a neurose, embora opere um desligamento libidinal, isso não ocorre inteiramente, ela mantém parte da libido conectada com objetos na fantasia. Apesar destas considerações, há outros elementos que serão pensados na evolução da teoria que permitirá uma perspectiva um pouco mais abrandada a este respeito no que se refere à psicose. Como o próprio texto aponta é uma introdução ao conceito de narcisismo. Além deste aspecto, há outros elementos que devem ser levados em consideração no tratamento da psicose. Já para Lacan, mesmo tendo as indicações aqui propostas por Freud, ele adiciona outros elementos que irão auxiliar sobremaneira o modo de pensar a psicose é claro um tratamento possível. Ou seja, como se organiza o desencadeamento e o reordenamento dos significantes após o desarriamento do ego ante o gozo? Esta é uma questão que merece o cuidado do analista naquilo que se refere ao atendimento de um psicótico. Sendo assim, a questão relativa ao narcisismo será determinante no processo de defesa operado pela psicose. Observa-se que na lógica da regressão tópica a megalomania, em síntese ao narcisismo, se encaminha para o sentido de uma defesa que se opera buscando colocar o amor como anteparo ao gozo que invade o sujeito na psicose. Deste modo, não é possível falar de narcisismo sem considerar as implicações a que o amor submete na estrutura psicótica. Sendo assim, o caminho que se segue no segundo subtópico deste capítulo é ao amor que se coloca como principal na discussão a respeito

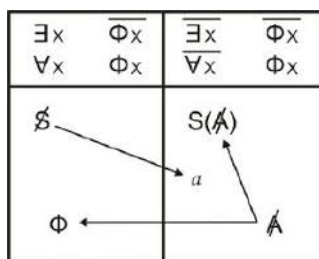
da erotomania. Portanto, a pergunta, é a seguinte: é realmente de amor que se trata na psicose no caso da erotomania?

3.1 Neurose e Psicose: a questão do amor

“... que o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as devastações.” (Lacan, 1985/1972, p 12).

A questão do amor é algo que atravessa o ser humano e partindo da citação, acima, de autoria de Lacan, determina-se sobremaneira as dificuldades que se configuram a respeito deste assunto. Quando se pensa isso do ponto de vista da psicose as implicações ganham contornos sensíveis, como se observa na erotomania. Assim, falar dela é dizer do representante mais radical do amor. Sua forma livre, sem amarração possível para colocar o mínimo de distância do sujeito em relação ao objeto. Toda e qualquer configuração erótica é constituída pela erotomania na certeza do amor UM. O tipo de amor que não tem pergunta, mas somente uma afirmação: “sei que me ama”. O mito do nascimento do amor explorado no “Banquete” de Platão localiza este campo do amor e sua impossibilidade de existir. No que toca o amor, Lacan (1972) considera que ele tem por essência uma impotência, mesmo que ele seja recíproco, tende a ignorar que no fim é apenas o desejo de ser Um. Por isso, ficando diante do impossível de estabelecer a diferença entre os dois sexos. A implicação imediata é desembocar na impossibilidade do enunciável do Um da relação sexual. Isto é relacionado diretamente com a concepção de que o homem por ser provido do órgão fállico, quando está ante o sexo da mulher, o sexo dela não lhe diz nada *“a não ser por intermédio do gozo do corpo”*. (Lacan, 1985/1972, p 15). Deve-se entender que isso se faz porque a mulher sendo não-toda no que se refere ao gozo fállico, e este sendo a forma do gozo do homem, o coloca na condição de nunca gozar do corpo da mulher, pois o que ele goza é o gozo do órgão. Lacan (1972) dirá que só tem um lugar possível para este UM existir. A infinitude! Pois o gozo está marcado por um furo que não te permite outra saída a não ser a do gozo fállico. E ele (O gozo fállico) é um ponto de capitonagem no campo das neuroses e perversões. A psicose por sua vez está longe destas questões, pois exatamente *ela* que está fora da partilha dos sexos, como diz Quinet (2000).

3.2 O amor e a partilha do sexo.

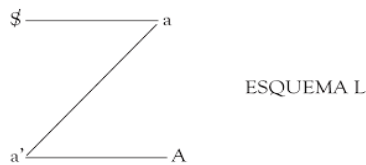


Lacan (1973) no capítulo VII do seminário 20, “Encore, nomeado em português como “Mais, ainda”, abordando a questão do gozo feminino, emite o gráfico acima no sentido de dar contorno ao assunto. Desta forma, a explicação do gráfico se dá em quatro partes, a saber, que no quadrante superior à esquerda está localizado que todo aquele que se coloca ali, do lado fálico, é dali que se organiza seu gozo, portanto, gozo fálico. E para estar ocupando este lado, a questão da castração tem, por excelência, ter que sido colocada, mas aponta, ainda, que há uma exceção à regra, que configura a existência do lado homem. E quem ou o quê ocupa esta exceção à regra? O pai da horda de totem e tabu, da mitologia freudiana é a base. Pois, portanto, há ao menos Um que não se submete à castração. Deste modo, a escrita se explica da seguinte maneira, à esquerda na linha inferior, os símbolos ali, representam que é pela função fálica que o homem como todo se inscreve e como dito, há um x, em que esta função é negada. A negação recai sobre aquele que não se submete à castração, – função do pai, que por essência teria equivalência ao Nome-do-Pai – a exceção. Configurando assim, dois sentidos, o Um da exceção e como o conjunto dos homens. Do lado superior direito do gráfico, está localizada a parte mulher, que diferentemente do homem, segundo Lacan, está submetida à castração, porém, no que se refere à função fálica, lhe será permitido estar nela, como não estar, portanto, estando não-toda. Contrariamente ao que ocorre na parte homem, observa Lacan, não há à exceção à regra que funde o universal da mulher. Assim, não existe A mulher. Sua existência no sentido da utilização do artigo a, é sempre *a – objeto causa do desejo*. Ora, se opera deste modo, ela, A mulher, só existe com esta barra sobre o A. Na parte inferior, à esquerda se ordena aquilo que configura o modo de gozo do homem, sendo assim, S, barrado, e o símbolo da função fálica. Do lado mulher, à esquerda, temos o S (A), A (Outro) e a (objeto causa do desejo). As setas demonstram que o homem ao lidar com uma mulher, só o faz a localizando como causa-do-desejo, é o que representa o pequeno a, no lado direito. Ou seja, que para o sujeito atingir seu parceiro sexual, que por essência é o Outro, A, ele se dirige pela fantasia. O outro símbolo, este abaixo do s barrado, se refere à função fálica, e remete à posição que o gozo do lado

homem estará submetido, isto é, seu gozo é por base um gozo fálico. Do lado mulher, por sua vez, a coisa se organiza de outro modo. Como já dito, desta parte, não há submissão completa à função fálica, portanto, dando o contorno de ser não-todo inscrito nela, e assim, permitindo que o gozo feminino se dirija a função fálica e a um gozo Outro; que Lacan(1973), denomina de suplementar, pois ele, estaria articulado à falta no Outro, como demonstra o S (A). Deste modo, enquanto o gozo ~~feminino~~ transita entre o fálico e o suplementar, o homem, ira operar pela via fálica:

[...] para o homem, a menos que haja castração fálica, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher, ou, dito de outro modo, de que ele faça o amor.(LACAN, 1973/1985, p. 97).

O sentido disso, é que mesmo que o homem se dirija à mulher e manifeste atitudes que se configurem como sendo exemplos de amor, ele só o faz abordando-a pela causa de seu desejo, isto é, posicionando-a como objeto *a*, pois o seu parceiro sexual (A), o qual ele objetiva atingir, está alhures, está barrado pela lei da castração. Assim, enquanto o homem está lidando com o gozo fálico, a mulher, lidará com este e um outro gozo, sendo por base para-além do Falo. Portanto, um gozo fora do significante. Pois bem, fica-se a questão do sentido deste gráfico no que tange a referência ao amor na psicose. A resposta para esta questão estará no desenvolvimento do seminário XX. Primeiro ponto a se considerar, está centrado no que se refere à posição do psicótico na partilha, na tábua da sexualização, proposta por Lacan (1973). Como vimos até agora, a todo ser falante submetido à castração, como se exprime Lacan, só é possível atingir seu parceiro sexual pela via da fantasia, portanto, fazendo com que ele se reduza a causa do seu desejo – S dirigindo-se a *a*. Mas como visto a respeito da Verwerfung/foraclusão, a psicose, presentifica-se naquilo que recusa (foraclusão) da castração. As consequências sendo expostas na sua relação com Outro, que por não ser silenciado pela castração, ganha corpo e se estrutura na relação do sujeito com seu imaginário. Isto é observável graficamente no esquema L, em que S, é o lugar do sujeito, a' o seu eu, a, seus objetos e A, o Outro, lugar da sede dos significantes. A linha que liga a'(Eu) àquilo que dele reflete em seus objetos(a), comporta a relação imaginária. Como, também, não há comunicação direta do sujeito(S) e seu eu(a') com o Outro(A), pois dali se configura uma relação que é recoberta pelo que há do simbólico – pela lei significativa. Fazendo assim com que as coisas não se comuniquem diretamente, no caso da neurose.



Contudo ao se operar um achatamento do esquema L, Sa' _____ aA, se faz presente a situação do paranoico com o seu Outro, sua fórmula, pois como demonstra Quinet (2000) isso é possível, desde que haja:

Esse recobrimento do eixo da relação imaginária com o eixo da relação simbólica tem como resultado a abolição do sujeito, reduzido aqui a a' , ou seja, a um objeto do Outro, como aparece nas fórmulas da paranoia. Esse recobrimento como em evidência a imaginarização da relação com o Outro efetuada pelas formações delirantes. (QUINET, 2000/2003, p.78)

Desta maneira, é pela fórmula paranoica que se encaixa a questão central sobre a posição do psicótico diante do Outro, isto é, como objeto de seu gozo. Se ali, onde está o (A) Outro, tivesse havido a incidência do significante paterno(NP), não haveria possibilidade deste achatamento. Sendo assim, enquanto a neurose utiliza-se da fantasia, $S \rightarrow a$, para atingir seu parceiro sexual, o Outro, a psicose é atingida pelo Outro, que o trata como objeto a , e portanto, goza dela. E isto só é possível, pelo efeito direto da situação imaginária em que se encontra o psicótico. E mais, sendo deste modo, o que se observa é que o Outro na psicose é subjetivado enquanto o sujeito é outrificado – a . Quais implicações estão dadas na relação do gozo com o amor na psicose? Lacan (1973) levanta a questão a respeito de dois modos de percepção que se operava na idade média. A primeira relativa ao amor físico, greco-física, derivando de uma base aristotélica, nascente em São Tomás de Aquino, em que o físico aqui faz referência ao que é natural; que se encaminha para uma lógica que seria natural ao homem procurar seu bem. E ao fazê-lo, ele ama a si, e assim estaria amando aquele do que depende sua existência, isto é, Deus. Portanto, em São Tomás, a questão do amor está em o homem encontrar seu bem no amor que dirige a Deus. Assim, amando-se, ama-se a Deus. Em Aristóteles o que se busca é o Bem Supremo, que se encontra na felicidade, na contemplação, no estudo, pela via do amor físico. Assim, em Aristóteles, aponta Lacan, o que se busca é o gozo do ser. E é se baseando neste pensamento que Aquino, constrói a teoria física do amor, pois:

[...] o primeiro ser de que temos mesmo o sentimento, é nosso ser, e tudo que é para o bem do nosso ser será, por isso, gozo do Ser Supremo, quer dizer, Deus. Para dizer tudo, amando a Deus, é a nós mesmos que amamos, e ao nos amarmos primeiro a nós mesmo – caridade bem ordenada, como se diz – fazemos a Deus a homenagem que convém. (LACAN, 1973/19..., p. 96).

A proposta de São Tomás vem em substituição ao modelo aristotélico, onde não se busca mais o Bem Supremo, mas sim no amor a si encontrar o amor em Deus, mas em ambas o gozo está no ser. O segundo modelo de amor, diferentemente da teoria greco-física, em que o gozo está no ser, é extático, no sentido de buscar o êxtase, portanto, fora de si. E sendo assim, estará em jogo o aniquilamento da razão, encontrada na relação mística com amor em êxtase. Enquanto em Aquino, a divindade e o ser se misturam, na extática haverá uma separação entre o ser e a divindade. Assim diferencia Quinet este dois modelos:

À harmonia do amor físico se opõe a ruptura, aniquilamento, morte no amor extático. Se o primeiro é profundamente natural e aí o sujeito encontra sua alma, o segundo é antinatural, aniquilador, fazendo o sujeito perder sua alma. Neste último, o amor é essencialmente mortificante, mas a morte que o amor proporciona é preciosa e suas feridas são desejáveis - daí ele ser antinatural e aniquilador. (QUINET, 2000/2003, p. 81)

Portanto, enquanto em São Tomás, há harmonia entre o amor de Deus e dos homens, na extática: *“não há nada disso: o homem ao amar Deus se transporta para o centro de tudo, ele não tem mais nenhuma inclinação a não ser as do Ser Absoluto – não há mais suun, diz Rousselot, o ser esvaziou-se de si mesmo.* (QUINET, 2000/2003, p. 81). Nas duas concepções há um amor dirigido ao Outro divino e um processo de possessão espiritual. Enquanto em São Tomas a beatificação conecta o homem à essência divina, pois partilham da essência última do ser; na extática, diz Quinet(2000), tem equivalência ao gozo, embora pareça ser contraditória ao efeito de aniquilação presente. A resolução para esta contradição se faz ao se considerar que o gozo aqui descrito, é localizado como para-além do falo, portanto, “simultaneamente mortificador e prazeroso”. Deste feita, é se aproximando à questão do gozo místico do lado da parte mulher na tabua da sexuação que produz seus efeitos a ser pensado também do que se passa no gozo da psicose, naquilo que se configurará como empuxo-à-mulher. O primeiro aspecto é considerar que a fórmula da paranoia, como visto na exemplificação do achatamento do esquema L, implica no aniquilamento do sujeito em sua relação com o Outro. Igualmente se observa que a partir da referência ao amor físico, é possível também encontrar a posição do psicótico naquilo que se refere ao seu não afastamento do Outro, isto é, sua não separação. Além mais, se na psicose a função fálica está ausente pela essência da forclusão do significante Nome-do-Pai, não é possível localizá-la no quadrante superior esquerdo da tábua. E deste modo, só seria permitido fazer algum tipo de localização aonde é negada a função fálica. Sendo assim, explica Quinet, citando Lacan:

Na psicose “ é da irrupção de Um-pai como sem razão que se precipita o efeito, sentido como de forçamento, para o campo de um Outro, a ser pensado como mais estranho a todos os sentidos”. O efeito em questão é o empuxo-à-mulher que Lacan afirma ser específico, na psicose, do primeiro quantificador lógico do lado feminino...” (QUINET, 2000/2003, p. 87).

Portanto, é este encontro que pode desencadear a psicose, com este Um-pai e levar o sujeito para a parte que corresponde ao gozo feminino. A questão é que ao surgir este Um ele coloca em questão a razão do Todo, como diz Quinet, “ele provoca o efeito empuxo-à-mulher”; como ocorre no caso Schreber em seu processo de ser fazer A Mulher, a servir a Deus:

O fato de a relação do sujeito com Outro ser da ordem da mistura faz também Schreber se situar como exceção, encarnar o Um, ou melhor a Uma a partir de sua invenção criacionista do significante Mulher de Deus. E o gozo de que aqui se trata não é o gozo fático, nem o gozo dos místicos; e o amor, se assim podemos chamar, não é amuro nem almor”. ...” (QUINET, 2000/2003, p. 87-88).

Este é um ponto importante no que ocorre no delírio de Schreber e como observa Quinet, na erotomania em questão se trataria da mistura entre o sujeito e o Outro. E disso, produz-se uma união que é o produto do trabalho realizado no delírio que não se conclui, “pois sua conclusão se situa em uma assíntota”.

Assim, se deduz o que ocorre e sobre o sentido que seja o amor na neurose e na psicose. Enquanto a primeira utiliza-se dele (o amor), como suplência da castração, na segunda, pensada aqui na erotomania e seu postulado que se dá pela certeza do amor do Outro, ele está implicado com a não castração. E diz Quinet (2000) que este amor, da erotomania, é diferente do amor erótico e do amor transferencial, bem como daquele praticado pelos místicos, pois por estrutura estaria ligado à falta no Outro, portanto, o gozo na psicose não necessariamente precisa do amor para estar presente. Embora é claro, o postulado apresentado pela erotomania seja o Outro me ama.

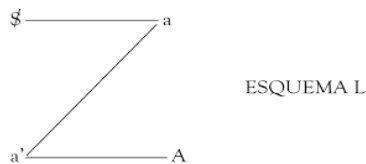
Soler(2007) aponta que o que está em questão na erotomania, não é o gozo suplementar, mas uma exigência de “ser a única do amor”. E mais, que o registro do gozo e do amor, obtém algum êxito, ainda que mambembe na neurose, contudo, se desatam e se revelam na psicose, afinal, o amor cumpre funções distintas na neurose e na psicose:

Na primeira, ele é chamado a corrigir a ausência da relação sexual, ao passo que na segunda, é invocado para resistir a iminência de uma relação mortífera. A experiência comumente prova que, mais do que em outras situações, trata-se de um amor que é impotente. Longe de atender ao apelo e limitar o gozo que retorna no real, ele se reduz, no máximo, a lhe fazer companhia; mas é uma companhia compensadora. (SOLER, 2007, p. 51)

Sendo assim, deve-se observar a diferença que se opera na relação com amor que o psicótico e o neurótico estabelecem. O primeiro ponto colocado é o postulado, o sentido do amor, e a resposta dada diante dele pela histeria e pela erotomania. Considerando que o Outro está na erotomania como emissor da libido, tal como ocorre no automatismo mental e o psicótico sendo certeza e não dúvida, Soler(2007) dirá “... a certeza escapa à problemática do saber e ex-siste na dialética da verificação. Não é que ela exclui qualquer questão, mas antes que as determinam todas, e que elas não são as mesmas”. (SOLER, 2007, p.45). E isto funda uma inversão clínica da histeria à erotomania na relação com o parceiro. Enquanto na histeria o sujeito ficaria interrogando os sentidos dos fenômenos, “no caso os sinais emitidos pelo objeto”, na erotomania interrogaria os mesmos fenômenos, mas há uma distância que os separa, o postulado. O histérico interrogaria qual é o significado deles para que nisso encontrasse seu ser; o psicótico por sua vez sendo todo certeza, sabe e somente se questiona por que do surgimento destes fenômenos sob formas tão contrárias. Isto está em consonância com Lacan (1956), no seminário III, “As psicoses”, em que para ele o outro a quem o erotômano se endereça é particularíssimo, já que o sujeito não tem nenhuma relação concreta com o objeto, o que lhe permitiu falar de amor místico e platônico nestes casos. Sendo assim há uma distinção radical entre alguém que é psicótico e alguém que não é, ou seja, para o psicótico uma relação amorosa implicaria em uma abolição de si como sujeito. E isto só ocorreria enquanto esta relação admitisse uma diferença radical do Outro, como demonstrado acima. Portanto, o amor existente nesta relação é um amor morto e a relação amorosa para o psicótico só seria possível com a abolição de si – como sujeito. Segundo Lacan (1956), o “psicótico não pode apreender o Outro se não na relação com o significante, ele se demora apenas numa casca num invólucro, numa sombra, a forma da fala”. (LACAN, 1956/1988, p.289). Portanto onde a fala inexistente se encontra o Eros do psicótico, ali seria possível encontrar “seu supremo amor”. Para sustentar isso ele recorre a Schreber e afirmar que a fórmula do “assassinato d'alma” seria um eco da linguagem do amor místico/platônico. Em sua concepção o “assassinato d'alma” seria um representante do amor sacrificial, aquele que o psicótico realiza em suas relações amorosas. A erotomania é um representante deste amor sacrificial, como mostra Schreber em sua “Erotomania Divina”, no momento em que se transforma na mulher de Deus. Sendo assim, ele se emascula, deixa de ser homem para ser A mulher. A resposta dada pelo psicótico diante do amor é a de objeto do Outro e esta posição é reafirmada na

perspectiva de que não sendo possível escapar deste amor, por mais contraditório que seja, resta-lhe um único fim: *ser amado*¹.

O esquema L é um ponto de referência importante para situar este fenômeno.



Neste esquema observa-se um quadrilátero composto por S, significando o sujeito, a' o seu eu, a os seus objetos e A o Outro, sede dos significantes. Lacan (1956), diz que o estado do sujeito S, neurose ou psicose, seria definido a partir do que se desenrola no A (Outro). E aponta que o que se dá ali, tem uma articulação como um discurso, sendo que o inconsciente é o discurso do Outro, “*do qual Freud procurou inicialmente definir a sintaxe relativa aos fragmentos que nos chegam em momentos privilegiados, sonhos, lapsos, chistes.*” (LACAN, 1957-58/1998, p.555). E diz que o S, o sujeito é parte integrante deste discurso, somente enquanto é repuxado para os quatro pontos deste esquema, “*S, sua inefável e estúpida existência, a, seus objetos, a' seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão da sua existência.*” (LACAN, 1957-58/1998, p.555)

Deste modo, no esquema o Eu(a') é o lugar onde o sujeito(S) se produz como aquele que fala e o sujeito só advém no discurso e pelo discurso para em seguida eclipsar-se. E isso ocorre como nos indica Lacan (1973) devido ao *fading* do sujeito em relação ao seu próprio discurso, isto é, “*um significante é o que representa um sujeito para um outro significante*”. Desta forma, um sujeito não se apreende, salvo em sua forma de seu Eu em seus objetos (a) como nos aponta o estádio do espelho. Isso decorre devido à mediação realizada na relação do sujeito com seus objetos pelo eixo imaginário tomado por uma reciprocidade contínua. Em outras palavras toda relação do sujeito com seu Eu está em dependência direta com o outro e sua relação com o outro implica seu Eu. Isso naturalmente implica diretamente que quando o sujeito (S) se esforça por comunicar-se com um sujeito, (A), ele não o realiza em sua autenticidade, pois o que ele encontra é o seu Eu (a) que comunica concretamente com outro Eu (a') igual a ele, tendo em vista, o eixo imaginário. No esquema L, o Outro é o que funda a existência do sujeito, lugar da

¹ Um bom exemplo de uma tentativa de localizar o objeto *a fora*.

linguagem, cuja relação confere uma alteridade lógica fundadora do sujeito. O Outro aparece: Absoluto no eixo simbólico como condição de existência do sujeito de onde este recebe sua determinação significativa. Assim, para Lacan o que está colocado é que o gozo não é acessado por quem fala, no máximo aparecerá nas formações inconscientes, “*já que a lei se funda justamente nessa proibição*” (Lacan, 1960/1988, p. 836).

E mais, na psicose o sujeito quando fala ou ouve isto se dá pela lógica alienante no campo imaginário – característico da psicose – e não há mediação tal como observado no primeiro momento do Esquema L, em que o eixo simbólico dava um ponto de reconhecimento ao sujeito, em sentido, transversal ao imaginário, dado como a primeira relação constitutiva do eu ante a alienação. Ora, urge reconhecer que simbólico e imaginário não são independentes, porém na psicose eles se apresentam desarticulados, nos mostrando que os fenômenos psicóticos são constituídos no eixo imaginário e o Outro fica excluído – em alguns casos. Nos casos de psicose encontramos o sujeito preso na dialética da alienação especular. O sujeito fala através do seu eu - isso se dá para os castrados ou não, mas na psicose ocorre algo mais radical no campo das identificações, e o S, ficando colado ao eu e o outro colado ao Outro, se presentifica tal como podemos ver nas alucinações. O que implica diretamente na mortífera relação encontrada nas psicoses entre o eu e o outro, haja vista que essa se dá puramente no eixo imaginário. Tudo isso com consequência, plena, de que não há a mediação que a lei introduz no campo do Outro e o eu se encontrando sozinho, sofre todos os efeitos mortíferos da proliferação imaginária. E os efeitos são conhecidos nas três formas de negação apresentadas por Freud (1911) em sua análise do caso Schreber, isto é, os delírios de ciúmes contradizem o sujeito, de perseguição o predicado e o erotomaníaco o objeto. No fim, todas estas formas de ação são configurações defensivas do eu para não se encontrar diante de algo da dissolução total da existência. Embora, o eu possa apresentar acentuada agressividade tanto para fora de si quanto voltada para ele, trata-se de uma tentativa de proteção de sua formatação narcísica, é de uma constante luta para evitar sua dissolução. Portanto, é importante se ater a diferença entre o amor na neurose e na psicose:

[...] amor é uma suplência a inexistência da relação sexual e atua no lado feminino em direção ao S(A) e ao falo, portanto, a mulher neurótica fica as voltas com o gozo fálico e o suplementar. Já, na psicose, não há como fazer velar a lógica fálica para saturar esse empuxo ao Outro Gozo.” (BRESSANALI, 2007, p 130)

Isso nos trás uma via de sustentação de que na erotomania há possibilidade de construir o universal d'A Mulher, aquela que é toda, como o faz Schereber. Contudo, esta operação, como demonstra aquele caso, tem efeitos bastante complicados. Cabe observar que a retenção libidinal que o outro sexo realiza determina sobremaneira seu modo de funcionar perante o amor, haja vista a histeria. Assim, seguindo Freud, algo desta forma feminina de amar se faz de forma narcísica, pela própria relação que estabelece o neurótico com o Outro, se volta para questão de se fazer no campo da fantasia perversa do neurótico, colocada por Freud. Isto é, se quisermos localizar isso do ponto de vista da pulsão podemos dizer que estas mulheres narcísicas em uma reversão da pulsão sobre o eu localizam no amor algo de sacrificial, tal como a erotomania, mas este sacrificial ficará na questão última da histérica: sou homem ou sou mulher? E isto implicará em sua fantasia tal como mostra o matema da histérica como uma pergunta: O que sou eu nisso? É neste ponto que podemos localizar que este lugar do amor para a histérica como tantos outros enigmáticos se colocam diante de uma forma satisfatória, enquanto insatisfação do desejo, localizando isto de maneira masoquística ante ao pequeno a , mas perguntando ao Outro, para encontrar uma resposta do seu *ser* ante a partilha do sexo. Matema da Histeria:

$$\underline{a} \diamond A$$

$$-\varphi$$

Ou seja, a histérica se faz de objeto na fantasia para o Outro, para não se haver com a castração. A histérica faz cena em seu desejo para nisso ir encontrando seu ser; no jogo sensualista/erótico que estabelece em seu meio; isto porque toda demanda é uma demanda de amor colocada ao Outro, portanto, a pergunta sempre é: *o que queres?* Estamos falando do campo fantasmático da histérica e há considerável distância deste lugar para o da erotomania. O erotomaniaco está preso à emissão de libido do Outro encarnado em alguém corporal ou não, o qual ele não consegue outra coisa se não se deixar *ser* amado. Na neurose Freud (1914) aponta que algumas mulheres têm uma forma narcísica de amar e que estas não se encontram na “*direção de amar, mas de serem amadas*”. (Freud, 1969/1914, p.95). E diz que o motivo destas mulheres amarem desta forma é o seu narcisismo primordial e que estas produzem considerável fascínio nos homens por: “*interessantes fatores psicológicos, pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram uma*

parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal". (Freud, 1969/1914, p.95-96). Freud considera que nem todas as mulheres têm esta forma de amar, já que algumas amam como os homens, portanto, desenvolvendo uma forte valorização sexual tal com o homem faz. Mas o que está colocado no texto é que Freud (1914) diz que estas mulheres de beleza diferenciada, juntamente com seu narcisismo, criam certo contentamento com elas. E que para estas mulheres há uma saída se estas se mantiverem frias em relação aos homens para elevar ao amor objetal completo. Que seria:

Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo. Existem ainda outras mulheres que não tem que esperar por um filho a fim de darem um passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) para o amor objetal. (FREUD, 1914/1996, p. 96)

E aqui Freud (1914), dizendo ainda dos caminhos da neurose afirma que outras mulheres vão para o narcisismo (secundário) sem precisar ter um filho. Do ponto de vista das implicações do Édipo na constituição psíquica feminina a mais direta seria que a ela se coloca na expectativa de satisfazer seu desejo - *da Outra cena*. E por sua forma de amar ser narcísica ela espera ser amada a amar e isso é decorrente de sua relação com o grande Outro. Ainda neste sentido, Freud (1924), no artigo *O problema econômico do masoquismo*, aponta que o masoquismo se aproxima sobremaneira a forma feminina de amar. Para ele é o sofrimento existente na neurose que o torna valioso para o masoquismo. Neste tipo de masoquismo todo sofrimento é emanado da pessoa amada e será tolerado à ordem da pessoa. Assim:

Havendo, porém, uma oportunidade de estudar casos em que as fantasias masoquistas foram de modo especial, ricamente elaboradas, de imediato se descobre que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar a luz um bebê. (FREUD, 1996/1924, p. 180).

As implicações diretas desta perspectiva do amor é um aprisionamento na malha sado-masoquista criando uma insatisfação entre a histérica e seu próprio parceiro. Desta maneira, é possível observar que há uma diferenciação entre a erotomania e a histeria, pois se entendemos que o jogo neurótico é da constante insatisfação diante do desejo só podemos dizer que a fantasia colocada é sempre não satisfazer jamais este desejo. E é aí que localizamos o seu laço com o masoquismo, este sim estrutural (fantasmático) da neurose. A situação está balizada essencialmente no gozo e deste modo, concordamos com Miller, que o gozo feminino é erotomaniaco. Assim, se levamos em conta que este

gozo feminino implica em certa expectativa de ser amada, tal como colocado por Freud (1914) em “Sobre o narcisismo” e Lacan (1973) em “Letra de uma carta de amor”. Contudo, é exatamente este gozo que a histérica teme, pois ele a joga diretamente à infinitude o que a faz temer e justificar sua insatisfação ante o desejo. Isto por localizar este gozo com a dissolução do eu e é a sua forma de amar narcísica, juntamente com a questão fálica, que a protege desta dissolução numa curiosa defesa. Uma questão relacionada e que possibilita vislumbrar uma diferença da histeria para a erotomania está na tragédia insuportável que o psicótico tem que enfrentar. A erotomania, por sua vez não faz as questões que a histeria se coloca, a ela não existe dúvida, nem mesmo razão, apenas um caminho a ser seguido: ser amado. E por não ter a mediação do gozo fálico, o mesmo que faz proteção no gozo feminino, ele se faz pleno sobre a psicose, radicalmente em função da tendência agressiva na constituição do eu naquilo que se refere o imaginário.

Pontanto, enquanto o amor na neurose vem fazer suplência à ausência da relação sexual, na psicose ele vem como anteparo ao gozo. No primeiro é a função fálica que baliza e dá sentido à coisa, no segundo é exatamente sua ausência que produz os efeitos de alienação diante do poder do Outro. Os efeitos diretos disso são sentidos na relação transferencial. Na neurose pela existência da função fálica há uma abertura para a constituição do amor transferencial, o que abre espaço para o surgimento do sujeito-suposto-saber. Por outro lado, na psicose a forclusão do Nome-do-Pai, criará dificuldades para o analista na direção do tratamento, pois algo se apresenta como complicador direto, pois é da ordem do gozo e do saber. Isto é, saber e gozo, terão equivalência em sua estrutura e disso decorrem os riscos que enfrenta o analista no manejo da transferência. Sendo assim, cabe ao analista observar continuamente onde na transferência o psicótico o coloca, se como secretário, aquele que o escuta, sem julgamentos ou como perseguidor. Trataremos destes aspectos no capítulo seguinte a respeito da posição do analista na direção do tratamento da psicose, pensando seus efeitos no que é possível manobrar a transferência que dali se configura.

4. TRANSFERÊNCIA E EROTOMANIA NA CLÍNICA DA PSICOSE.

É na medida em que possamos estreitar mais de perto aquilo que Freud tocou por mais de uma vez, a saber, o que e na sociedade, a posição do amor, posição precária, posição ameaçada, vamos dizer logo, posição clandestina – é nessa medida mesma que poderemos apreciar porque e como, no quadro mais protegido de todos, o do consultório analítico, a posição do amor se tornar ainda mais paradoxal.(LACAN, 1960/1991, p.22-23)

A transferência e sua importância na clínica psicanalítica são temas recorrentes nos textos freudianos desde 1895. Em “Estudos sobre a Histeria”, Freud se refere à transferência no sentido de ela ser uma forma de resistência, um obstáculo à análise, um meio de evitar o acesso aos resíduos da sexualidade infantil que ainda persistiriam ligados às “zonas erógenas”; na evolução normal esses resíduos já deveriam estar desligados. Para ele, as transferências seriam reedições, produções das emoções e das fantasias que no curso do tratamento analítico despertariam e emergiriam da consciência, mas com a intenção de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Freud diz que a transferência seria um empecilho, um obstáculo ao tratamento, mas poderia se transformar em sua *mais poderosa aliada*. Assim, ela seria inimiga e aliada do analista

no tratamento psicanalítico das neuroses. Para melhor esclarecer, Freud (1912) dirá que a transferência se divide em dois tipos: as de constituição positiva e as negativas. Freud (1912/1996) diz que aquela se daria por sentimentos amistosos que seriam admissíveis à consciência, os prolongamentos desses sentimentos no inconsciente seriam úteis no processo transferencial, pois uma “relação de dependência afetuosa e dedicada pode [...] ajudar uma pessoa a superar todas as dificuldades de fazer uma confissão” (Freud, 1915/1996, p.183). Por outro lado, em relação à transferência negativa, “a análise demonstra que invariavelmente remonta a fontes eróticas”. (Freud, 1915/1996, p. 183). Freud observa que nesta, o neurótico liga-se ao analista e, diante dele, utiliza-se um dos clichês estereotípicos construídos no desenvolvimento de sua libido, ou seja, em uma das séries psíquicas formadas em sua vida erótica. Freud (1915) considera ainda que o “amor de transferência” pode se apresentar como complicador do processo psicanalítico, pois o paciente se diz “apaixonado” pelo analista, e este deve reconhecer que o apaixonamento nada tem a ver com os atributos de sua pessoa e, também, que é “tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito quanto que seja suprimido”. (Freud, 1915, p.183). Ao analista, portanto, resta um caminho, isto é, ele deve permitir que o amor transferencial surja sem incentivá-lo e nem o reprimir. Orienta-se, com isso, uma posição ética do analista diante do amor transferencial. Dessa forma, para Freud (1915), o paciente que estivesse com todo o seu recalçamento sexual ainda não removido, e sim empurrado para baixo, sentir-se-ia seguro para permitir que suas fantasias, derivadas dos seus desejos sexuais, emergissem à consciência.

Freud em “Sobre o início do tratamento” discutindo a importância daquilo que chama de tratamento experimental, diz que com alguma frequência ver-se-ia pacientes com sintomas neuróticos, histéricos ou obsessivos, e que seriam considerados apropriados para o tratamento psicanalítico, mas que teriam a possibilidade de serem psicóticos. Discute ainda que naquela época não era incomum psiquiatras fazerem diagnósticos apressados e que ele preferia o caminho da cautela até mesmo porque se um psiquiatra se enganasse a respeito do diagnóstico a consequência máxima disso seria um equívoco em algum aspecto nosológico/acadêmico. Entretanto, se o psicanalista assim procedesse, faria com que a pessoa que o procurou perdesse tempo e dinheiro e ainda mais, desacreditaria o seu método de tratamento. E o que é crucial nestes casos é que o analista: *“não pode cumprir sua promessa de cura se o paciente está sofrendo, não de histeria ou*

neurose obsessiva, mas de parafrenia, e, portanto, tem motivos particularmente fortes pra evitar cometer equívocos no diagnóstico". (FREUD, 1915/1996, p.140).

Durante todo percurso de Freud, no desenvolvimento da teoria, ele apontará esta contra indicação da psicanálise nos casos de psicose, pois para ele estes pacientes teriam uma transferência limitada a sentimentos negativos ou inexistentes. Assim, ele acredita que a psicanálise nada ou pouco poderia fazer para estes pacientes, mas o que não implicaria que os analistas não atendessem estes já que embora o método psicanalítico não pudesse curar as psicoses, uma pesquisa sobre ela poderia por outro lado lançar luz a um tratamento possível no futuro. Tanto é que suas pesquisas já se avançavam, antes do caso Schreber, mas foram consolidadas neste. Especificamente na seção III do caso, isto é, *"Sobre o mecanismo da Paranoia"*, tratará deste dizendo da mudança no significante que ocorre na formação do delírio. E sustenta que o que está no centro do conflito na paranoia é a fantasia de desejo homossexual de amar um homem. Assim, no caso do delírio de perseguição:

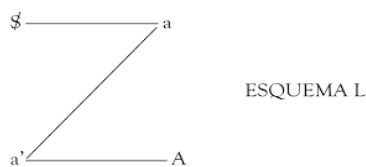
“a proposição eu (um homem) o amo (outro homem) é contradita por” “Eu não o amo – Eu o odeio”. Como isso é produzido no inconsciente e não pode tornar-se consciente, a mudança efetuada pelo sintoma exige que “as percepções internas – sentimentos – sejam substituídas por percepções externas”. (FREUD, 1911\1996, p 71).

Sob o efeito da projeção, o enunciado “eu o odeio” se transforma em ele me odeia – persegue. Dando com isso, ao paranoico sua desculpa para odiar o objeto persecutório, e o sentimento inconsciente aparece como uma percepção externa, consolidando a ideia. Ficando no fim com a seguinte configuração: *“Eu não o amo – eu o odeio, porque ELE ME PERSEGUE”*. (FREUD, 1911\1996, p 71). Portanto, a pessoa que tomara lugar de objeto persecutório, hoje odiada, em outro momento fora amada. Estes são os apontamentos básicos dados por Freud em relação ao delírio de perseguição neste texto. A forma pela qual ele trata a erotomania é um pouco diferente.

4.1 Erotomania.

Freud (1911/1996) considera que muitos casos de erotomania dariam a impressão de que uma fixação heterossexual exacerbada ou disforme estaria na sua formação. Porém, não acredita nesta explicação e aponta que no centro do delírio da erotomania o sujeito não tem uma percepção externar de amar, mas sim a de que é amado. E para chegar até esta percepção à mudança que ocorre no inconsciente é a seguinte: *“Eu não o amo – eu a amo”*. *O mecanismo paranoico opera a mudança para: “Eu noto que ela me ama”*.

"*Eu não o amo, eu a amo, porque ELA ME AMA*". (FREUD, 1911\1996, p 71). Desta forma, neste tipo de delírio a proposição intermediária "eu o amo" poderia se tornar consciente, já que a contradição entre ela e a original (eu não o amo) não seria muito distante "*nem tão irreconciliável como a existente entre o amor e o ódio, afinal de contas é possível amar tanto ela quanto ele*". (FREUD, 1911\1996, p. 71). E isto só é possível porque a proposição inicial que havia sido trocada por projeção (ela me ama) abre caminho novamente para proposição da língua básica "eu a amo". A certeza novamente se apresenta para sustentar a posição do sujeito psicótico diante do gozo do Outro. Além disso, outro componente importante é possível de ser visto aqui. Isto é, as relações do eu com a agressividade e seus efeitos na estrutura psicótica. Em seu texto nos "Escritos", Lacan (1948), em sua quarta parte, elenca alguns pontos a respeito da agressividade que ajuda a localizar um pouco o que se deseja comunicar. Isto é, ele parte da fundação do eu e suas relações com o outro, naquilo que se refere à agressividade. Pois bem, sabemos que no primeiro tempo de vida de uma criança o que está em jogo, é sua própria existência e não é só do ponto de vista biológico, mas sua existência ordenada pelo simbólico. Como visto a partir do esquema L o que se dá ali nos apresenta a fundação do sujeito a partir das relações estabelecidas com o Outro.



Este esquema representado por um quadrilátero é composto por S, significando o sujeito, a' o seu eu, a os seus objetos e A o Outro, sede dos significantes. Nele, como vimos no capítulo anterior será determinada parte expressiva do que ocorre como estrutura discursiva do sujeito. E ali, como diz Lacan, que há uma verdade no processo analítico é que toda questão da existência se coloca para o sujeito não como angústia, que suscitaria no eu, e sim como uma questão articulada:

Que sou eu nisso?, concernente a seu sexo e sua contingência no ser, isto é, a ele ser homem ou mulher, por um lado, e por outro, ao fato que poderia não sê-lo, os dois conjugando seu mistério e enlaçando-o aos símbolos da procriação e da morte.(LACAN, 1957-58:555-556).

Por uma ordenação destas questões que se articulam no Outro e por se ordenarem nesse discurso (lembrando que o inconsciente é o discurso do Outro), e como se dão como sintomas "*são legíveis e se resolvem ao serem decifrados*". (LACAN,1957-58: 556).

Portanto, toda questão da existência do sujeito vai se dar neste nível, ou seja, ali no A (Outro). Um ponto importante nisso é que a relação que nos referimos antes, ou seja, entre a'-a é o desenrolar da relação narcísica “*eminentemente adequada para sustentar, por seus efeitos de sedução e captura, tudo o que nela se reflete*”. (LACAN, 1957-58: 557).

Esta última citação de Lacan nos localiza o ponto central destes primeiros momentos de existência do Eu e sua complicada e essencialmente necessária relação com o duplo especular. O eu se perde no outro – materno - e se localizará nele, mas não é algo que se faz sem conflitos e o complexo de Édipo atesta isso. O Eu da criança, no caso o menino, ainda, terá que lidar com um sentimento duplo ante a figura do pai que aparece como terceiro nesta relação, embora esta (figura), em dado momento, seja desejada – enquanto Ideal. E ao mesmo tempo odiada, já que ela obtém um poder sobre o primeiro objeto de seus investimentos sexuais – a mãe. Para que o eu se consolide, segundo Freud, ele tem que se identificar com um Ideal e como colocado acima, este Ideal é ao mesmo tempo seu rival na guerra, particular do pequeno neurótico, pelo objeto de amor. Lacan (1948), diz que para compreendermos a natureza da agressividade no homem e seu formalismo entre seu eu e os objetos, temos que levar em conta a relação erótica em que este eu fixaria-se numa imagem que ao mesmo tempo que o aliena lhe fornece um ponto de determinação; o que implicará toda a organização passional que o indivíduo chamará de seu EU.

Por outro lado, localizando a agressividade na metapsicologia, Freud (1915), nos demonstra os caminhos percorridos pela pulsão (Pulsão e seus destinos) até atingir sua configuração agressiva na neurose obsessiva. Segundo Freud, a pulsão naquilo que se dá como reversão em seu oposto, opera três caminhos, a exemplo do sadismo. O primeiro caminho sendo do exercício de violência ou poder sobre uma pessoa, como objeto, que o sádico empreende. No segundo, o objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo, implicando em uma mudança da finalidade da pulsão de ativa para a passiva. Já no terceiro caminho, uma pessoa estranha colocada como objeto, terá que assumir a posição do sujeito – lembrando que neste terceiro caminho, por consequência do segundo, a finalidade pulsional foi alterada. Freud localiza nesta terceira possibilidade o masoquismo. Mas retomamos estas indicações para localizar a própria agressividade, pulsional, existente na neurose obsessiva, pois seguindo Freud (1915), o segundo caminho operado pela pulsão é passível de ser encontrado nesta neurose. Porém com uma pequena modificação, em vez de o obsessivo expressar seu desejo de torturar o objeto,

ele se autotortura, autopune, não chegando à fase três que abriria caminho para o masoquismo. Esta posição que o obsessivo adota nos demonstra aquilo que Lacan (1948) dissera, ou seja, que antes mesmo de se haver com o primeiro rival do seu desejo, o eu terá que lutar com o seu próprio eu em sua relação narcísica. Dado desta forma, podemos nos orientar naquilo em que se dá a agressividade paranóica. Voltando ao esquema L o Sujeito fala com seus objetos através do seu eu (a') e é por ter pagado o preço para se fazer S, barrado, que ele opera deste lugar. Por outro lado o psicótico se encontra em um lugar de indiferenciação discursiva com este Outro o que efetivamente trará desdobramentos do campo imaginário, significativos e mortíferos. Ora, se tomarmos o exemplo da pulsão fazendo sua reversão sobre o eu do sujeito, e levarmos em conta que o psicótico na ausência de um significante que faça barra a isto, exterioriza localizando no outro semelhante toda sua agressividade, e se colocarmos esta questão nos referenciando ao Esquema L pode-se dizer que a relação do psicótico com o outro, semelhante, se dá com um conseqüente achatamento do Esquema L, como demonstrado capítulo anterior.

Sa' _____ aA

O que implica que o sujeito quando fala ou ouve isto se dá pela lógica alienante no campo imaginário – característico da psicose – e não há mediação tal como a observado no primeiro momento do Esquema L, em que o eixo simbólico dava um ponto de reconhecimento ao sujeito, em sentido, transversal ao imaginário, dado como a primeira relação constitutiva do eu ante a alienação. Ora, como sabemos, simbólico e imaginário não são independentes, porém na psicose eles se apresentam desarticulados, mostrando-nos que os fenômenos psicóticos são constitutivos no eixo imaginário e o Outro fica excluído – em alguns casos. Nos casos de psicose encontramos o sujeito preso na dialética da alienação especular – a'-a. O sujeito fala através do seu eu - isso se dá para os castrados, mas na psicose ocorre algo mais radical no campo das identificações, e o S, ficando colado ao eu e o outro(a) colado ao Outro(A), não há diferença entre o eu do psicótico e do semelhante, como se presentificar na paranóia. O que implica diretamente na mortífera relação encontrada nas psicoses entre o eu (a') e o outro (a), haja vista que o que se dá ali situa-se puramente no eixo imaginário. Tudo isso sob o efeito da falta e de que não há a mediação que a lei introduziria no campo do Outro (A) e o eu (a'), se encontrando sozinho, sofre todos os efeitos mortíferos da proliferação imaginária. Suas conseqüências podem ser vistas nas três formas de negação apresentadas por Freud (1911)

em sua análise do caso Schreber, isto é, os delírios de ciúmes contradizem o sujeito, de perseguição o predicado e o erotomaniaco o objeto. No fim todas estas formas de ação são configurações defensivas do eu para não se encontrar diante de algo da dissolução total da existência. Ou seja, é pela regressão tópica ao narcisismo que se dá o processo defensivo, na megalomania (igual) na paranoia(rival) na erotomania(a única do amor). Como discutido no capítulo referente ao narcisismo, Freud (1914), aponta que a megalomania funciona como um meio de tratamento da libido que retorna sobre o eu e é o fracasso dela que irá desarrimar o eu o lançando sem anteparo no delírio ou alucinação. Deste modo, deve-se levar consideração o que Freud (1924), compreende a respeito da formação delirante como uma primeira tentativa do sujeito de lidar com o que o invade. Nesse sentido, o delírio é entendido como uma primeira tentativa de cura, ele surge como um meio do sujeito de restabelecer contato com a realidade, como aponta Freud (1924) em “Neurose e psicose”. A respeito disso, Teixeira (2006) escreve que o delírio é uma tentativa de reencadeamento de um signo (um significante fora da cadeia), objetivando produzir um sentido para o sujeito. (Teixeira, 2006, p.113). Sendo assim, se tratarmos a erotomania como um correlato da megalomania, é possível se ater a este aspecto da tópica. Como vimos acima com Soler (2007), na erotomania o amor surge como um anteparo ao gozo. É afim de evitar/tratar o gozo que ela surge. Nesta mesma linha observa Bressanelli (2007), em sua dissertação de mestrado, que:

[...]o encontro amoroso em sua condição enigmática, que instaura de certa forma o furo inerente à não existência do rapport sexual, pode provocar, no sujeito psicótico justamente esse encontro com UM-Pai: um chamado em lugar onde existe apenas o vazio da lei significante. (BRESSANELI, 2007, p. 81).

É diante deste vazio da lei significante que decorre a abertura para o desencadeamento da psicose, e o surgimento da erotomania é uma tentativa de reencadeamento significativa na busca do sentido. Assim, embora, o eu possa apresentar acentuada agressividade tanto para fora de si quanto voltada para ele, ocorre que isso é uma tentativa de proteção de sua formatação narcísica ante uma luta constante para evitar sua dissolução – que vem a partir do imperativo goza. Disso decorrem também os efeitos observáveis na relação do psicótico, no caso específico da erotomania, a falta de mediação dada pela função fálica, coloca este diante de uma libido sem controle, proveniente do Outro, que vem lhe dizer que ele é seu – para gozar. Sendo assim, a relação é dada na lógica em que saber e gozo terão equivalência – como apontado acima. Portanto, o outro/Outro, não só sabe sobre tudo do sujeito, mas goza. E é este efeito que traz complicações consideráveis na direção do tratamento das psicoses.

Deste modo, temos que considerar que a transferência que se apresenta na psicose é de outra ordem, pois enquanto na neurose tem um componente facilitador do tratamento, na psicose ela pode surgir não como uma relação afetiva, e sim o seu avesso, algo como: “você me persegue” - goza. Isso obtém este tipo de configuração em função da estrutura psicótica comportar o efeito da forclusão do significante paterno, tendo como implicação direta a não extração do objeto *a*. Uma vez que não há a extração do objeto *a*, o psicótico percebe-se como causa do interesse do Outro, o que se observa nas produções alucinatórias e delirantes e nos seus efeitos interpretativos. O que aponta Lacan (1946) no texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” é que:

[...] todos esses fenômenos, sejam quais forem – alucinação, interpretações, intuições – não importa com que alheamento e estranheza sejam vividos por ele, todos visam (ao sujeito) pessoalmente[...]. (LACAN, 1998, p. 166).

Dessa maneira, a questão da transferência na psicose constitui, de saída, uma posição delicada, requerendo, portanto, cuidado na manobra. Segundo Lima e Teixeira (2012), a predominância do imaginário não regulado pelo simbólico pode facilitar, ao mesmo tempo, a adesão do psicótico ao tratamento com o surgimento da transferência e é também uma base relacional frágil, pois a questão se centra em como ocupar o lugar do outro sem ficar no campo especular ou no lugar do Outro absoluto. (p. 23). Tarefa efetivamente desafiadora.

Para Quinet (2000) o tratamento psicanalítico implicaria em dado momento o psicótico colocar o analista como objeto persecutório, mas que este não deve caucionar tal lugar. E mais, que o analista de certa maneira, no tratamento do psicótico rivaliza com este. Enquanto o psicótico tenta colocar o analista como “*aquele que goza de mim*” o analista se faz de objeto *a* para que o psicótico enderece sua fala e se reposicione, não mais como objeto de gozo, mas como ser falante. Isso é importante, pois só é possível ao analista manobrar a transferência que ali se dá como uma erotomania mortífera, se ele souber em que lugar o psicótico o está colocando – na transferência. Considerando estes aspectos deve se ter em vista que, cabe ao analista criar condições para que o simbólico opere como um escoadouro das elaborações imaginárias, tendo o cuidado de não ocupar uma posição de saber, portanto, de gozo, naquilo que se refere à transferência. Castro (2012) aponta que a consequência direta de um erro de cálculo na manobra da transferência no caso da psicose é inviabilizar o prosseguimento da cura, em razão do analista se identificar ou caucionar este lugar de absolutização que o delírio produz. E continua: “*fazer barreira ao gozo do Outro é algo que exige do psicanalista que lida com*

a transferência psicótica uma atenção constante a essa tendência”. (CASTRO, 2012, p.158).

Portanto, a manobra da transferência na psicose, demanda do analista um conjunto de movimentos, ao longo do tratamento, para obstaculizar o gozo do Outro a fim de evitar que o psicótico o localize na posição de objeto de uma erotomania, que pode se dar como mortífera. E mais, cabe ao analista uma escuta sem presunção de compreensão/entendimento e buscar ser o secretário invocado por Lacan (1958), de forma que a partir daí, algo do real, possa ser cingido pelo simbólico. Conforme aponta Castro (2012), embora haja uma melhora no potencial de esvaziamento do gozo do Outro, em decorrência do psicótico localizar o analista na posição de secretário; a posição erotomaniaca/persecutório, em razão da certeza psicótica, tende ocorrer mesmo com o analista criando obstáculos. Portanto, uma das dificuldades a se enfrentar no manejo da transferência na psicose, especificamente com o surgimento da erotomania, é que saber e gozo se apresentam como equivalentes. E na direção da cura na psicose, esta equivalência entre saber e gozo cria suas dificuldades, como aponta Castro (2012):

E é com essa equivalência entre o gozo e o saber do Outro que o psicanalista terá que lidar na clínica da psicose, principalmente com vista à construção da metáfora delirante no lugar em que não se inscreveu a metáfora paterna, ou seja, no simbólico, único registro que permite cingir o real, circunscrevendo então a falta no Outro [S(A)]. (CASTRO,2012,p.165)

Para cingir o real, portanto, cabe ao analista no manejo da transferência, buscar formas de esvaziar o poderio do Outro, orientando-se para colocar o simbólico, como um caminho de escoamento. E isto, do ponto de vista teórico/clínico, não se faz sem complicações. Em razão de o sujeito psicótico ser forcluído, e, portanto, é algo do simbólico que ficou ausente – na amarração. Ou seja, tudo se centra no aspecto da transferência, mas essencialmente é na não interpretação do trabalho delirante que está a base do trabalho do analista. Pois diferentemente do que ocorre na neurose que o sintoma do sujeito é passível de ser interpretado, portando, de obter um sentido; na psicose a situação é outra como demonstra Castro:

Outro cuidado no tratamento de psicóticos é jamais interpretar o sintoma, pois nele não é uma questão de/para o sujeito. Pelo contrário, o sintoma na psicose tem mais a característica de ser uma resposta do real a um questão impossível de ser formulada – e essa é uma leitura cabível do conceito de foraclusão. (CASTRO,2012,p.166)

Igualmente vai de acordo com a orientação lacaniana de secretariar o psicótico no ato do seu trabalho delirante. Observe-se que o encaminhamento dado até o presente

direciona para um tratamento basicamente solitário do analista com o psicótico. Gostaria de abordar ao final deste trabalho um modelo apresentado no início dos anos 2000 em um livro/conferência, editado pelo Instituto Raul Soares, em que o professor Alfredo Zenoni, apresenta a ideia base de uma “clínica entre vários” para tratar o gozo na psicose. Foi deixado para o final, pois nesta clínica entre vários, proposta por Zenoni, já está implicada uma visada no arcabouço teórico lacaniano a respeito da forclusão do significante paterno. Esta nova perspectiva, está além do período recortado aqui nesta pesquisa a respeito do tratamento psicanalítico da psicose. Pois bem, o modelo apresentado por Zenoni aponta para a necessidade da introdução de outros profissionais na condução do tratamento psicanalítico da psicose. Naturalmente, ele não descarta que alguns sujeitos psicóticos possam transitar sem a necessidade desta ortopédica, contudo, observa que, em determinados casos, adotar esta conduta clínica pode ser bastante importante no esvaziamento do poderio do Outro por meio de uma distribuição da transferência. A situação que se busca é evitar que haja uma localização do gozo sobre um ou outro profissional de modo que possa se presentificar uma posição persecutória ou erotomaniaca. Assim, o manejo é colocar o sujeito a trabalhar, respeitando sua própria produção, entendendo-a como parte de seu tratamento, muitas das vezes iniciado sem o auxílio de profissionais. Este é um aspecto importante da fundação de uma nova clínica que tem sua aplicação na psicose, mas ela é derivada de Freud e Lacan, este último a partir da mudança de perspectiva de uma clínica que localizava a psicose pela posição negativa, a saber, a ausência do nome do pai, para uma noção em que entra em jogo a relação destes sujeitos com o gozo. Reconhecendo, portanto, uma lógica na estrutura teórica da própria psicanálise, como aponta Zenoni, que seria deixar de aplicar à psicanálise à psicose para aplicar à psicose a psicanálise. Para ele isso só foi possível ser pensado em função da mudança na concepção lacaniana a respeito do Nome-do-Pai, isto é, que nem todo sujeito se referencia a este, portanto, que o NP não esteja automaticamente inscrito no significante e que aquilo que estrutura o Outro pode se dar sem ele. Este modelo é algo já observado em prática em variadas instituições de tratamento de casos de psicose. Esta mudança operada por Lacan, implica na exclusão do que já havia sido desenvolvido e/ou haveria a necessidade de descartar o que está composto na discussão deste trabalho? A resposta certamente é negativa, pois a base de como tratar a psicose se mantém, como observado na importância que ele dá a respeito do cuidado com a produção delirante do sujeito. Ao final, é necessário apontar que este trabalho buscou fazer um breve retorno à questão da formação do eu e suas relações na

formação da estrutura psicótica e os efeitos disso na estrutura do tratamento psicanalítico, bem como apontar, ainda que de modo diminuto o que se é possível fazer com a manobra da transferência. A erotomania, como se pôde acompanhar, utiliza-se do amor, numa tentativa de fazer um anteparo ao gozo, deste modo, reconhecendo que a transferência implica uma boa base de amor, fica-se demonstrado o cuidado que o analista deve ter ao manobrar a transferência no tratamento psicanalítico da psicose. E isso não é algo solto e seus efeitos vão além.

CONCLUSÃO:

A psicose, certamente, coloca uma variedade de desafios a serem respondidos do ponto de vista teórico/clínico, no sentido de saber como pode um analista auxiliar no tratamento. Deste modo, a pergunta se mantém há bem mais de cem anos. A este respeito ficam-se as questões vinculadas à manobra da transferência e suas dificuldades na direção da cura. A questão do saber e do gozo e sua consequente equivalência opera desafios impressionantes. Ao analista cabe uma constante observância em que lugar na transferência ele esta sendo localizado. No que pese a estrutura psicótica, pensando na fórmula da paranoia, no achatamento do esquema $L, Sa' _ _ _ aA$, já se coloca a importância da atenção que se deve dar àquilo que é da estrutura psicótica. Ou seja, o risco de ser lançado a uma relação especular, no par $a'-a$, e disso ser escutado/percebido pelo psicótico como sendo seu Outro (A), não deve ser subestimado. Portanto, evitar qualquer tipo de interpretação do que diz o psicótico, mas acolher o que este traz, sem presunção/compreensão, certamente, já opera parte significativa de uma capacidade de cingir o real. E isso não é sem sentido, e vai além. A atenção deve ser direcionada ao seu mecanismo de defesa, pois é de lá, do furo significante, é que estes sujeitos irão responder. O retorno tópico ao narcisismo e a necessidade da megalomania como operação de anteparo ao gozo é uma invenção bastante significativa que a psicose realiza. Sendo

assim, é patente que a direção do tratamento na psicose quem dá é o sujeito, ao analista, cabe manobrar a transferência no processo psicanalítico.

Do ponto de vista da erotomania, observa-se que aceitando que ela também é um retorno tópico, só reforça a necessidade do cuidado com a manobra da transferência, pois esta é por excelência um lugar de amor. Mas não só, como atesta o paranoico sempre que lhe é possível. Portanto, é no cuidado com a manobra da transferência que se configura o trabalho do psicanalista que se propõe a atender psicóticos. É de lá que ele irá operar seu trabalho. Contudo, isso naturalmente, não se faz sem dificuldades, exatamente por aquilo que se configura na estrutura da psicose. Porém, aceitar que o delírio é um remendo colocado pelo sujeito para reordenar a cadeia significante, já determina sobremaneira uma posição ético/clínica sobre onde se deseja estar na transferência. Pois, se desconsiderar este aspecto, o que sobra? Uma possibilidade de tentar interpretar o delírio? Penso que a resposta se encaminha no sentido de ser afirmativa e as consequências disso são de se ocupar o lugar de saber, portanto de gozo, e ser percebido pelo sujeito como aquele que vem gozar dele, assim, corporificando o Outro(A). Não há dúvida que isso não seja o desejado, nem que possa ser chamado de tratamento psicanalítico, pois seria desconhecer a letra freudiana a este respeito, e ela não é sem sentido. Ela deve ser levada muito a sério e com muito cuidado.

Embora fosse desejado que este trabalho pudesse ser mais amplo e mais profundo, não tem como perder de vista a sua configuração, isto é, uma monografia, que tem seus limites. Mesmo assim, é patente que ao realiza-lo suscitam-se novos encadeamentos de pensamentos e, portanto, novas questões se apresentam. Espera-se que ele possa provocar, também, uma nova pesquisa no sentido de aprofundar o que aqui foi discutido e ir além, o que certamente, seria possível com um tempo mais dilatado. De todo modo, é importante retornar ao ponto central da pesquisa, a questão da transferência e sua manobra na clínica da psicose e reconhecer que ela é o caminho a ser percorrido no sentido de se obter um auxílio para estes sujeitos na direção da cura. Assim, é na não presunção/compreensão, e no acolhimento do que eles trazem, com o cuidado na manobra da transferência, que se ancora o trabalho do psicanalista na clínica da psicose e a direção do tratamento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BRESSANELLI, J. **A erotomania como resposta psicótica aos impasses do amor.** 2007. 94 f. Dissertação(Mestrado em psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2007

CASTRO. J. E. **Psicose: o conceito e a clínica psicanalítica.** In.:Que país é este?Walter Melo(org) et al. - Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2012.

FREUD, Sigmund. **As neuropsicoses de defesa.** In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica .** In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. **Notas adicionais as neuropsicoses de defesa.** In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

FREUD, Sigmund. **Rascunho H.** In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

FREUD, Sigmund. **Rascunho K.** In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

FREUD, Sigmund. **Carta 52**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 2006.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Notas psicanalítica sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranoia. (Dementia Paranoide)**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Sobre o início do tratamento**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Observações sobre o Amor Transferencial**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Pulsão e suas vicissitudes**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **Neurose e psicose**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

FREUD, Sigmund. **A perda da realidade na neurose e na psicose**. In: Edição Brasileira, das Obras Psicológicas Completas, de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996

LACAN, Jacques. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1998.

LACAN, Jacques. **Subversão do sujeito e dialética do desejo**. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1998.

LACAN, Jacques. **Formulações sobre a causalidade psíquica**. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1998.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **O seminário: livro 3 : As psicoses.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **O seminário: livro 5 : As formações inconscientes.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. **O seminário: livro 8 : A transferência.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

QUINET, Antônio. **O gozo na psicose.** In.:Teoria e clínica da psicose. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

QUINET, Antônio. **Tratamento psicanalítico da psicose.** In.:Teoria e clínica da psicose. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

SIMANKE. R. **A formação da teoria freudiana das psicoses.** Rio de Janeiro: Editora, 34.

SOLER, Colette; JORGE, Marco Antonio Coutinho. **O inconsciente a céu aberto da psicose.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LIMA.T.A.S. ET. TEIXEIRA. A.M.R. **De um caso clínico à pesquisa: considerações sobre a transferência na clínica da paranoia.** Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.18, n,1,p.15-27,abr.2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000100003 . Acessado em: 20 de abril de 2016.

TEIXEIRA. A.M.R. **Entre signo e significante a esquizofrenia incipiente segundo Conrad.** Revista do departamento de Psicologia -UFF, v, 18 – n, 1.p 107-116, jan/jun, 2006.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232006000100009&script=sci_abstract&tlng=pt .Acessado em: 20 de abril de 2016.

ZENONI. L.A. **A clínica da psicose: o trabalho feito por muitos.** In Abrecampos, V 1 – 2000. Belo Horizonte